



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

CARLOS DAVÍ ALVES BARBOSA

**A HISTÓRIA DA LÍNGUA LATINA E SEU PROCESSO DE MUDANÇA LEXICAL
NA LÍNGUA PORTUGUESA E SUA ABORDAGEM NO LIVRO DIDÁTICO DO 1º
ANO DO ENSINO MÉDIO**

CAJAZEIRAS - PB

2020

CARLOS DAVÍ ALVES BARBOSA

**A HISTÓRIA DA LÍNGUA LATINA E SEU PROCESSO DE MUDANÇA LEXICAL
NA LÍNGUA PORTUGUESA E SUA ABORDAGEM NO LIVRO DIDÁTICO DO 1º
ANO DO ENSINO MÉDIO**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras - como requisito de avaliação para
obtenção do título de licenciado em Letras.**

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

CAJAZEIRAS - PB

2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

B238h Barbosa, Carlos Daví Alves.
A história da língua latina e seu processo de mudança lexical na língua portuguesa e sua abordagem no livro didático do 1º ano do ensino médio / Carlos Daví Alves Barbosa. - Cajazeiras, 2020.
83f.: il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2020.

1. Língua latina - história. 2. Aspecto lexical. 3. Língua portuguesa. 4. Livro didático. 5. Latim. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 811.13

CARLOS DAVÍ ALVES BARBOSA

**A HISTÓRIA DA LÍNGUA LATINA E SEU PROCESSO DE MUDANÇA LEXICAL
NA LÍNGUA PORTUGUESA E SUA ABORDAGEM NO LIVRO DIDÁTICO DO 1º
ANO DO ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Letras – Língua
Portuguesa da Unidade Acadêmica de
Letras do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal de
Campina Grande.

Aprovado em: 20 / 11 / 2020

BANCA EXAMINADORA

Abdoral Inácio da Silva

Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)

Hérica Paiva Pereira

Prof.ª Dr.ª Hérica Paiva Pereira
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 1)

Francisca Damiana Formiga Pereira

Prof.ª Msa. Francisca Damiana Formiga Pereira
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

Aos meus pais Dezinho e Carmozinha, irmãos, minha esposa Joselina, meus filhos Emanuely e Victor Daniel e a toda a minha família que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida, uma segunda graduação. A todos, o meu obrigado carinhoso. Que Deus nos abençoe e nos proteja sempre.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela sabedoria, pelo discernimento;

Aos meus pais, pelo incentivo e amor;

A minha esposa pela paciência, dedicação, atenção e zelo para comigo;

Aos meus irmãos pela força e coragem de lutar;

Ao meu orientador, o professor Esp. Abdoral Inácio da Silva, que colaborou na elaboração deste trabalho – Obrigado!

Aos colegas que sempre estiveram presentes nos momentos bons e ruins de nossa vida acadêmica;

De forma especial a todos os professores que sempre nos auxiliaram, marcaram nossas vidas na UFCG. Aqui, destaco Erlane Aguiar Feitosa de Freitas, José Wanderley Alves de Sousa, Hérica Paiva Pereira e Francisca Damiana Formiga Pereira pela generosa contribuição;

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.

Muitíssimo Obrigado!

EDUCAR

"Educar é viajar no mundo do outro sem nunca penetrar nele. É usar o que pensamos para nos transformar no que somos. O maior educador não é o que controla, mas o que liberta. Não é o que aponta os erros, mas o que os previne. Não é o que corrige comportamentos, mas o que ensina a refletir. Não é o que observa apenas o que é tangível aos olhos, mas o que vê o invisível. Não é o que desiste facilmente, mas o que estimula sempre a começar de novo. Um bom educador abraça quando todos rejeitam; Anima quando todos condenam; Aplaudes os que nunca subiram ao pódio; Vibra com a coragem de disputar dos que ficaram nos últimos lugares. Não procura o seu próprio brilho, mas faz-se pequeno para tornar os seus filhos, alunos e colegas de trabalho grandes."

(Fernando Pessoa)

RESUMO

O presente trabalho teve a pretensão de contribuir com o estudo dos aspectos históricos da Língua Latina e o ensino de Língua Portuguesa, além de apresentar uma abordagem no livro didático do 1º ano do Ensino Médio, especificamente, sobre o aspecto lexical, tendo como meta, a construção dos conhecimentos em Língua Portuguesa, sendo que esse conhecimento deve ser construído em torno do processo de ensino e aprendizagem. Para que esse objetivo seja alcançado, apresentamos os seguintes objetivos específicos: Identificar as principais características do latim clássico e do latim vulgar; Compreender como se deu o processo de expansão do Império Romano; Identificar os processos linguísticos que contribuíram para a formação do português de Portugal e do Brasil; Descrever 3 (três) capítulos do livro didático do 1º ano do Ensino Médio, trazendo atividades propostas por suas autoras; e, expor novas possibilidades para se trabalhar as atividades, proporcionando uma melhor compreensão dos conteúdos. Para bem realizarmos o nosso trabalho, auxiliando nas discussões teóricas, foram utilizadas como referências Othero (2003), Machado (2006), Bagno (2007), Haury (2008), Coutinho (2011), Assis (2011) entre outros, os quais nos apresentam uma riqueza de ideias em torno do processo histórico da Língua Portuguesa através dos tempos. Quanto à natureza metodológica do trabalho, a pesquisa é bibliográfica, por fazer uso de teorias já comprovadas e debatidas por estudiosos da área, sob uma abordagem descritiva e qualitativa, fazendo uso de algumas práticas vivenciadas em sala de aula. Como resultado da pesquisa, apresentamos alternativas para melhor desenvolvermos nossas atividades, auxiliando os alunos na construção dos saberes, de forma a compreenderem os processos de mudanças ocorridos com a língua até a contemporaneidade, até porque, essas alternativas são fruto de uma constatação após a abordagem realizada no livro didático, onde o mesmo apresenta algumas lacunas referentes aos aspectos históricos da língua, com textos muito curtos, atividades que não permitem que os alunos reflitam, pensem antes de respondê-las, enfim, os conteúdos precisam ser melhor estruturados para que a aprendizagem aconteça, de fato.

Palavras-chave: Língua Latina. Aspecto Lexical. Língua Portuguesa. Livro Didático.

ABSTRACT

The present work had the intention to contribute with the study of the historical aspects of the Latin Language and the teaching of the Portuguese Language, besides presenting an approach in the textbook of the 1st year of High School, specifically, on the lexical aspect, having as its goal, the construction of knowledge in Portuguese, and this knowledge must be built around the teaching and learning process. For this objective to be achieved, we present the following specific objectives: Identify the main characteristics of classical Latin and common Latin; Understand how the process of expansion of the Roman Empire took place; Identify the linguistic processes that contributed to the formation of Portuguese in Portugal and Brazil; Describe 3 (three) chapters of the 1st year of high school textbook, bringing activities proposed by their authors; and, to expose new possibilities to work the activities, providing a better understanding of the contents. To carry out our work, assisting in theoretical discussions, we were used as references Othero (2003), Machado (2006), Bagno (2007), Haury (2008), Coutinho (2011), Assis (2011) among others, which present us with a wealth of ideas about the historical process of the Portuguese language through the ages. As for the methodological nature of the work, the research is bibliographic, because it makes use of theories already proven and debated by scholars in the area, under a descriptive and qualitative approach, making use of some practices experienced in the classroom. As a result of the research, we present alternatives to better develop our activities, assisting students in the construction of knowledge, to understand the processes of changes that have occurred with the language until contemporary times, especially because these alternatives are the result of a finding after the approach carried out in the textbook, where it presents some gaps regarding the historical aspects of the language, with very short texts, activities that do not allow students to reflect, think before answering them, in short, the contents need to be better structured so that the learning to happen, in fact.

Keywords: Latin Language. Lexical Aspect. Portuguese Language. Textbook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Mapa dos povos pré-romanos na Península Itálica século X – VII a.C.	17
Figura 2	- Mapa da região do Lácio.....	18
Figura 3	- Mapa da expansão do Império Romano.....	21
Figura 4	- Mapa da conquista romana na Península Itálica.....	22
Figura 5	- Mapa do apogeu do Império Romano.....	23
Figura 6	- Mapa das Guerras Púnicas.....	25
Figura 7	- Mapa da Reconquista Cristã.....	27
Figura 8	- Mapa do Território Português.....	28
Figura 9	- Mapa da expansão marítima de Portugal.....	29
Figura 10	- Mapa dos povos indígenas do Brasil na época do descobrimento.....	30
Figura 11	- Mapa do Latim falado na Península Ibérica.....	33
Figura 12	- Mapa da Península Ibérica antes da chegada dos romanos.....	34
Figura 13	- Mapa da divisão da Península Ibérica após a conquista romana.....	36
Figura 14	- Capa do Livro Didático.....	73
Figura 15	- Sumário do Livro Didático: capítulo 1 ao Capítulo 8.....	74
Figura 16	- Sumário do Livro Didático: capítulo 9 ao Capítulo 12.....	75
Figura 17	- Sumário do Livro Didático: capítulo 13 ao Capítulo 16.....	76
Figura 18	- Sumário do Livro Didático: capítulo 17 ao Capítulo 23.....	77
Figura 19	- Sumário do Livro Didático: capítulo 24 ao Capítulo 26.....	78
Figura 20	- Sumário do Livro Didático: capítulo 27 ao Capítulo 33.....	79
Figura 21	- A Língua de Eulália, “Novela Sociolinguística” de Marcos Bagno”.....	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Comparativo das vogais tônicas no Latim Clássico e Latim Vulgar.	39
Quadro 2	- Palavras neutras plurais em Latim que se transformaram em femininas singulares em Português.....	44
Quadro 3	- Do latim vulgar ao português não padrão.....	54
Quadro 4	- “Palavras emprestadas” de Ivan Ângelo.....	58

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	HISTÓRIA DA LÍNGUA LATINA.....	16
2.1	Origem do Latim.....	16
2.2	A expansão do Império romano e a chegada do latim à Península Ibérica.....	20
2.3	O contato do latim com as línguas faladas na Península Ibérica e a chegada dos portugueses ao Brasil.....	24
3	IMPORTÂNCIA DO LATIM PARA O PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO.....	32
3.1	Mudanças externas advindas nas invasões.....	37
3.2	Passeando na História da Língua Portuguesa: Mudanças internas.....	39
3.3	O Português no Brasil.....	47
3.4	As Línguas Indígenas e Africanas.....	47
3.4.1	Os Índios.....	48
3.4.2	Os Negros.....	49
4	ABORDAGEM DESCRITIVA DO LIVRO DIDÁTICO.....	51
4.1	Exposição de atividades propostas no Livro Didático e possibilidades para melhor trabalhá-las em sala de aula.....	61
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
	REFERÊNCIAS.....	71
	ANEXOS.....	72

1 INTRODUÇÃO

A nossa formação acadêmica consiste em desenvolvermos uma série de habilidades e competências que nos possibilitem conhecermos e aprimorarmos saberes que por sua vez, devem ser levados aos nossos alunos. Partindo desse pressuposto, a nossa motivação inicial para o desenvolvimento deste trabalho foi justamente o desejo de conhecer melhor a língua portuguesa, compreendendo os processos pelos quais a língua portuguesa passou desde os tempos remotos até a atualidade. Estando na graduação e, ao adquirirmos conhecimentos sobre a temática, principalmente, ao cursarmos a disciplina História da Língua Portuguesa, nos veio a confirmação e o fortalecimento dessa motivação, o que nos proporcionou um amadurecimento para a produção deste trabalho, que por sua vez é de relevância pessoal, pois nos faz refletir que somos capazes de construir os conhecimentos, de nos aprimorarmos, de mostrarmos nossa capacidade social, pois contribuí na formação de outrem através dos fatos históricos da língua; e, profissional, uma vez que nos possibilita ampliar nossos conhecimentos sobre a Língua, para assim auxiliarmos os nossos futuros alunos na construção dos seus saberes.

Nesse percurso, buscamos analisar a problemática que se refere justamente à formação do léxico na língua portuguesa, expresso na seguinte indagação: A formação do léxico da língua portuguesa faz-se necessária para o processo de ensino e aprendizagem? Com isso, partindo dessa problemática, apresentamos algumas hipóteses que surgem diante dessa situação: É de fundamental importância conhecer o léxico para a melhoria da qualidade do ensino; Faz-se necessária a identificação e caracterização do latim clássico e do latim vulgar na história da Língua Portuguesa; Compreensão do processo de expansão da língua por meio das grandes navegações romanas; Por meio da apropriação dos fatos históricos da língua, podemos contribuir para e na formação de nos alunos.

Então, como futuros professores de Língua Portuguesa, devemos encontrar meios para atribuir significado, sentido ao que queremos ministrar para os alunos, tornando o conteúdo mais interessante, atraente, interativo, prazeroso de se querer aprender e praticar. A partir disso, acontecerá a formação crítica e consciente dos educandos. Esse desejo de busca, de instrução, de qualificação é que faz do homem um ser racional, consciente das suas responsabilidades.

Nesse contexto, no tocante à profissionalização, vale mencionar que o conhecimento sobre a História da Língua Portuguesa é de fundamental importância para os alunos em

formação – os acadêmicos. Estes, por sua vez, devem conhecê-la, para igualmente, levarem o conhecimento aos seus futuros alunos que precisarão desses conhecimentos para entenderem todo o processo histórico de mudanças da língua, pois sabemos que a mudança é uma das características primordiais que existem em todos os aspectos da vida. Nós mudamos, nos transformamos, nos aperfeiçoamos, da mesma forma acontece com a língua. Ela passou por diversas transformações ao longo do tempo até o português que conhecemos hoje. Por isso, o português atual só poderá ser bem compreendido e ensinado, se for conhecida a sua origem e evolução. Desse modo, os futuros profissionais poderão contribuir na construção dos conhecimentos dos nossos alunos.

Nesta perspectiva, o presente trabalho teve a pretensão de contribuir com o estudo dos aspectos históricos da Língua Latina e o ensino de Língua Portuguesa, além de apresentar uma abordagem no livro didático do 1º ano do Ensino Médio, especificamente, sobre o aspecto lexical, tendo como meta a construção dos conhecimentos em Língua Portuguesa, onde esse conhecimento deve ser construído em torno do processo de ensino e aprendizagem. Para que esse objetivo seja alcançado, apresentamos os seguintes objetivos específicos: Identificar as principais características do latim clássico e do latim vulgar; Compreender como se deu o processo de expansão do Império Romano; Identificar os processos linguísticos que contribuíram para a formação do português de Portugal e do Brasil; Descrever 3 (três) capítulos do livro didático do 1º ano do Ensino Médio, com atividades propostas por suas autoras; e, expor novas possibilidades para se trabalhar as atividades, proporcionando uma melhor compreensão dos conteúdos.

Sendo assim, a presente pesquisa se justifica pelo fato de fornecer subsídios que vislumbram a importância de inteirar-se sobre a história da nossa língua por meio de uma investigação, ou seja, pela busca de elementos que comprovem a necessidade de aprender um pouco mais sobre a nossa língua portuguesa, compreendendo os processos históricos pelos quais a mesma, por meio desse estudo, nos permite conhecer, principalmente, os processos lexicais do português, isto é, podemos perceber as transformações ou as mudanças ocorridas com a língua através dos tempos.

Para bem realizarmos o nosso trabalho, auxiliando nas discussões teóricas, foram utilizadas como referências Othero (2003), Machado (2006), Bagno (2007), Haury (2008), Coutinho (2011), Assis (2011) entre outros, os quais nos apresentam uma riqueza de ideias em torno do processo histórico da Língua Portuguesa através dos tempos.

Quanto à natureza metodológica do trabalho, a pesquisa é bibliográfica, por fazer uso de teorias já comprovadas e debatidas por estudiosos da área, sob uma abordagem documental, pois apresentamos uma descrição de três capítulos do livro didático de Português: *Trilhas e Tramas de Sette et al.*, do 1º ano do Ensino Médio, manual do professor, nosso *corpus* de estudo; e qualitativa, fazendo uso de algumas práticas vivenciadas em sala de aula.

Como resultado da pesquisa, apresentamos alternativas para melhor desenvolvermos nossas atividades, auxiliando os alunos na construção dos saberes, de forma a compreenderem os processos de mudanças ocorridos com a língua até a contemporaneidade, até porque essas alternativas ou possibilidades são fruto de uma constatação após a abordagem realizada no livro didático, onde o mesmo apresenta algumas lacunas referentes aos aspectos históricos da língua, com textos muito curtos, atividades que não permitem que os alunos reflitam, pensem antes de respondê-las, enfim, os conteúdos precisam ser melhor estruturados para assim, a aprendizagem acontecer, de fato.

No tocante à organização do trabalho, ele está estruturado da seguinte maneira:

O primeiro capítulo apresenta a introdução com uma breve apresentação a respeito dos objetivos, da problemática, das hipóteses, dos procedimentos metodológicos, o apontamento da filiação teórica que norteia o nosso estudo, sobre o papel do profissional da educação e sobre a importância do ensino de Língua Portuguesa para a aquisição dos conhecimentos.

No segundo capítulo intitulado a “História da Língua Latina” discorreremos a respeito da origem da língua, da expansão do Império Romano e a chegada do latim à Península Ibérica. Também, de forma sucinta, procuramos descrever sobre o contato do latim com as línguas faladas na Península Ibérica e a chegada dos portugueses ao Brasil e, que desse contato, o latim vai se modificando até chegar ao português atual.

No terceiro capítulo intitulado, “Importância do latim para o português contemporâneo”, começamos com um breve histórico do latim aos dias atuais, também comentamos sobre as mudanças externas e internas advindas das invasões, falamos sobre o Português no Brasil e as influências dos indígenas e dos negros em todo o processo de transformação da Língua Portuguesa ao que conhecemos hoje.

No quarto capítulo, realizamos a “descrição de 3 (três) capítulos do Livro Didático” de *Língua Portuguesa: Trilhas e Tramas* (2016) de Maria das Graças Leão Sette *et al.*, do 1º ano do Ensino Médio, trazendo atividades do mesmo para serem trabalhadas em sala de aula pelos docentes ou por nós, professores em formação. Na sequência, expomos novas possibilidades

para melhor trabalharmos atividades, promovendo a construção dos conhecimentos, ou seja, uma melhor compreensão dos conteúdos. Após esse capítulo, concluímos o trabalho por meio das considerações finais, enaltecendo a importância do estudo sobre a Língua Latina que deu origem à Língua Portuguesa.

Por isso a importância do conhecimento da língua que promove o crescimento do ser humano tanto no aspecto pessoal, social, quanto profissional, além da valorização da própria língua. Voltar às origens para compreender a essência daquilo que vemos e ouvimos no dia a dia, significa evoluirmos, ou seja, ampliarmos os nossos conhecimentos na medida em que buscamos desenvolver novas formas para solucionarmos situações linguísticas, promovendo assim, o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo, além de contribuir para outras pesquisas e pesquisadores que se interessem pelo conteúdo em estudo.

Ademais, desejamos que as reflexões apresentadas nas páginas que se seguem sejam bastante proveitosas.

2 HISTÓRIA DA LÍNGUA LATINA

Neste capítulo, tratamos de forma clara e objetiva sobre a história da Língua Latina, apontando as transformações lexicais ocorridas pela mesma desde os tempos mais remotos, na região do Lácio, Roma. Apresentamos também alguns subtópicos que organizam o capítulo, entre os quais destacamos: “A origem do Latim”; “A expansão do Império Romano e a chegada do latim à Península Ibérica” e o “contato do latim com as línguas faladas na Península Ibérica e a chegada dos portugueses ao Brasil”.

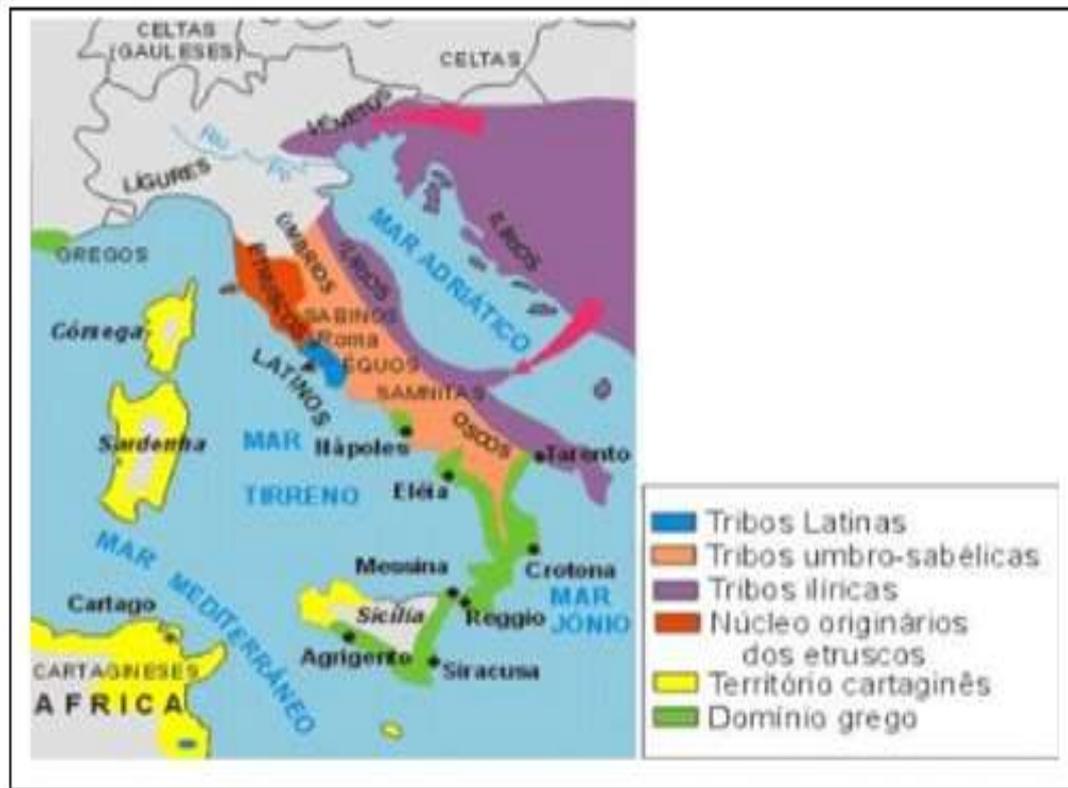
2.1 Origem do Latim

O Latim, língua dos romanos, teve sua origem na região do Lácio, em Roma, por volta do século VII a.C., originando também as línguas românicas, entre as quais, destacamos o nosso idioma, o português. Em relação à origem do latim, Machado (2006, p. 2) nos diz:

O latim deriva de línguas arcaicas faladas na região do Lácio antes da fundação da cidade de Roma, principalmente o osco, o umbro e o etrusco, consolidando-se gramaticalmente a partir do século III a.C. Do local de origem (Lácio = Latium, no idioma deles) provém o nome LATIM.

Antes de refletirmos um pouco sobre a origem do latim, apresentado por Machado, mostramos um mapa (Figura 1) que nos auxiliou na localização e identificação dos povos pré-romanos na Península Itálica do século X – VII a.C.: os Oscos, os Umbros, os Etruscos, etc. Vale ressaltar que o latim, antes de se constituir como língua do povo romano, sofreu influência de outras línguas durante o processo de conquistas e expansão dos territórios de Roma.

Figura 1- Mapa dos povos pré-romanos na Península Itálica – Século X-VII a.C



Fonte: Google Mapas (2020)¹.

No mapa acima, observamos onde se localizam os povos pré-romanos na Península Itálica, mas antes disso, pudemos compreender inicialmente qual foi a origem do latim. Com isso, podemos dizer que o mesmo se originou na região central da Itália, proveniente do então indo-europeu, por volta do século VII a.C., numa discreta região chamada Lácio, situada próxima ao rio Tibre, onde hoje está localizado o território Romano, que era povoado por pessoas simples: camponeses e agricultores. Com isso chegamos à conclusão de que o latim era a língua dos latinos, que tinham costumes simples e rudes que, de fato, habitavam o Lácio.

Observamos ainda que, além do latim, existiam outros idiomas nesse território: o osco, o umbro, o etrusco e o grego, etc. Vale fazer uma ressalva: entre essas línguas, o latim teve uma visibilidade maior e conseguiu diante das demais mostrar-se mais relevante, ou seja, foi melhor reconhecida em todo o Lácio e depois em toda Europa, graças à consolidação do Império Romano. A seguir, mostraremos, através da Figura 2, o mapa da região do Lácio.

¹ Disponível em:

<

Figura 2 - Mapa da região do Lácio



Fonte: Google Mapas (2020)².

Com o avanço territorial do Império Romano, assim como fora introduzido acima, o latim expandiu-se pela Europa (Oriente e Ocidente) e transformou-se, pelas mudanças naturais das línguas, em vários dialetos que deram origem às línguas românicas, também chamadas de novilatinas ou neolatinas, entre as quais destacamos as mais faladas e conhecidas: o português, o espanhol, o italiano, francês, etc. E por ser a língua oficial é que o latim se expandiu com maior facilidade por todo o Império.

No Ocidente europeu foram muitos os povos e territórios conquistados e por isso o idioma foi difundido nas mais variadas regiões, mas com o passar do tempo, depois de muitas vitórias, terras e povos conquistados, ao lado de uma crise econômica escravista e militar e, por meio das invasões bárbaras, disputas internas, a divisão entre Ocidente e Oriente, dar-se o fim do Império Romano da Antiguidade, no ocidente em 476 d.C., por Flávio Odoacro que tornou-se o primeiro rei da Itália quando depôs o último imperador romano, Rômulo Augusto.

Em 1453, com a queda do Império do oriente, devido a uma série de acontecimentos, o latim, língua culta, continuou sendo utilizada por escritores em documentos oficiais e tudo o que se referia à linguagem culta da época. E, como a maioria dos idiomas, transformou-se de maneira dialética, com mudanças nas formas de falar e de escrever. Eis a importância de

² Disponível em: <<https://www.gramaticaparaconcursos.com/2012/09/lingua-portuguesa-ultima-flor-do-lacio.html>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

estudar o latim para entendermos esses processos de mudanças ou transformações que o mesmo sofreu até chegarmos ao que conhecemos como a Língua Portuguesa de hoje.

Então, após a sua propagação, lapidação e aperfeiçoamento, também por ter assumido uma forma mais flexível e dinâmica, o latim dividiu-se em duas categorias: o Latim Clássico e o Latim Vulgar.

O Latim Clássico, termo que designa o estilo literário, usado pela elite (aproximadamente entre o século I a. C. e o século I d. C.), pessoas cultas, era constituído por 5 (cinco) declinações onde cada uma delas possuía uma terminação: a 1ª declinação terminava em *ae* (*hora, -ae*), a 2ª em *i* (*lúpus, -i*), a 3ª em *is* (*mare, -is*), a 4ª em *us* (*cantus, -us*) e a 5ª em *ei* (*dies, -ei*). Cada declinação era identificada pela desinência que a palavra apresentava no caso genitivo. Os casos eram 6 (seis): nominativo, vocativo, acusativo, genitivo, dativo e ablativo, que se reduziram a três no Latim Vulgar: o nominativo, o acusativo e genitivo-dativo.

Em relação às funções sintáticas no Latim Clássico, segundo Castelar de Carvalho (2005), cada um dos seis casos do Latim Clássico desempenhava funções sintáticas específicas. Representados por morfemas gramaticais chamados desinências casuais, correspondiam os casos latinos às seguintes funções sintáticas em português: nominativo = sujeito e predicativo do sujeito; vocativo = vocativo; acusativo = objeto direto e adjunto adverbial (de causa, lugar, tempo); genitivo = adjunto adnominal e complemento nominal; dativo = objeto indireto e complemento nominal; ablativo = adjuntos adverbiais e agente da passiva. O latim tinha também, três gêneros gramaticais – masculino, feminino e neutro. Este último designava objetos ou seres inanimados. Igualmente, em português, os substantivos, que designam seres animados dos sexos masculino, feminino, e mesmo seres inanimados sem sexo, passaram a ser apenas masculinos ou femininos. Na prática, em latim, ainda que os nomes neutros designassem seres inanimados, havia também palavras masculinas (*lapis* “pedra”, *baculus* “bastão”) e femininas (*mensa* “mesa”, casa “cabana”, *domus* “casa”) para designar objetos.

O Latim Vulgar era aquele que pertencia ao povo, ou seja, era falado pela plebe, pelas pessoas simples. Para Bagno (2007), morfologicamente, no Latim Clássico, as palavras se dividiam em 5 (cinco) declinações que reduziram-se a três: 1ª, 2ª e 3ª, no latim vulgar e desse redução, restaram apenas duas: com a fusão da 2ª e da 3ª, ficaram a 1ª e 2ª, com a existência dos nomes femininos com a terminação -a e masculinos com a terminação -o, respectivamente. Já os 6 (seis) casos reduziram-se a três: o nominativo, o acusativo e

genitivo-dativo. Houve o desaparecimento do vocativo e do ablativo e a fusão do genitivo com o dativo. Outro fator importante em relação à mudança da Língua Latina foi o desaparecimento do gênero neutro (citado acima) – que designava os objetos inanimados. Na Península Ibérica, o acusativo e o nominativo se fundiram, com predominância do acusativo. Por essa razão, dizemos que o acusativo, em português (e em espanhol) é o caso lexicogênico, ou seja, as palavras que se originaram do latim vieram do acusativo, exemplo: livro (Português), liber (Latim Clássico), *libru* (Latim Vulgar). Sendo assim, é da forma que as palavras tinham neste caso sintático que se originou o léxico dessas línguas.

Na sequência, depois de demonstrarmos um breve histórico da Língua Latina com as suas categorias (Latim Clássico e Latim Vulgar), falaremos um pouco a respeito da questão política do Império Romano, sua expansão marítima e a propagação da língua latina nos vários territórios conquistados.

2.2 A expansão do Império Romano e a chegada do latim à Península Ibérica

A expansão do Império Romano foi um fator essencial e primordial para a disseminação e difusão do latim e, posteriormente, para a formação das línguas românicas ou neolatinas, já mencionadas anteriormente. O latim era propagado a todos os lugares através, principalmente, dos soldados romanos e do cristianismo, religião oficial de Roma. O processo de dominação romana tratava-se de uma campanha militar e, posteriormente, de um domínio político. Othero (2003) vem nos ajudar a compreender melhor sobre essa conquista e expansão do Império Romano. A esse respeito, ele nos afirma que

Ao se tornar uma grande potência política e militar, apresentando um forte crescimento econômico e social, Roma começou a expandir seus horizontes com as navegações marítimas, objetivando conquistar novas terras e aumentar seu poder imperial. Durante um longo período, o Império Romano, manifestando um forte desejo de conquista, espalhou-se por várias regiões numa busca desenfreada por poder, conseguindo dominar “[...] todos os territórios que cercavam o Mar Mediterrâneo – chamada por eles Mare Nostrum (“nosso mar”). (OTHERO, 2003, p. 8-9).

Observamos acima que Roma conseguiu conquistar vários povos, espalhando-se por muitos territórios e a língua que era falada pelo Império foi veículo de comunicação usado pelos conquistadores sobre os povos conquistados, possibilitando a expansão desse idioma nos mais variados locais ou regiões romanizadas. Portanto, o latim em contato com outras culturas e línguas foi se transformando, adquirindo características de cada região dominada.

Todas as vitórias, conquistas e expansões territoriais se deram depois da derrota de Cartago, nas Guerras Púnicas (264-146 a.C.). Aconteceu uma grandiosa expansão romana no território do Mediterrâneo e em toda a Europa, possibilitando a criação do maior império, o romano. Por meio do mapa (Figura 3), observamos a expansão e conquistas do Império Romano.

Figura 3 - Mapa de Expansão do Império Romano



Fonte: Google Mapas (2020)³.

Conforme Haury (2008) Roma que foi fundada, hipoteticamente em 753 a.C., a princípio não passava de simples cidade; porém, como estava localizada num local estratégico, logo exerceu poder sobre algumas das cidades mais importantes daquele território, e os romanos, dotados de grande autodomínio político e guerreiro, no século III a.C., já haviam dominado toda a Itália. Esse crescimento e avanço proporcionaram ao latim, língua dos romanos, uma imensa importância na Península. Abaixo, apresentamos um mapa (Figura 4) que nos mostra a conquista romana na Itália.

³ Disponível em: <<http://www.jurassico.com.br/aulas-de-historia/roma-antiga>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

Figura 4 - Mapa da Conquista romana na Península Itálica



Fonte: Google Mapas (2020)⁴.

No mapa acima, observamos que Roma, no processo de expansão, conquistou todos os povos da Península Itálica, desde a Britânia até a Arábia, impondo-lhes sua língua, sua cultura.

Durante esse processo de expansão e de conquistas de novos povos e terras, com o passar do tempo, Roma foi acumulando novos costumes, culturas e línguas de outros povos, evidenciando mudanças significativas no processo de transformação da língua latina nas línguas românicas. Logo, afirma-se que o Império Romano absorvia outros povos e seus territórios. Eis o mapa (Figura 5) que mostra o apogeu romano.

⁴ Acesso em: 15 ago. 2020.

Figura 5 - Mapa do apogeu do Império Romano



Fonte: Google Maps (2020)⁵.

Acima, vemos que Roma atingiu o seu auge, o seu apogeu diante da expansão e conquistas de diversos territórios e povos, agregando cultura, costumes e aliados, após várias guerras, momentos conflituosos e vitórias.

Após esse relato da conquista dos mais diversos povos, falamos brevemente sobre o processo evolutivo do latim, ou seja, as modificações e transformações sofridas por ela até a sua chegada à Península Ibérica, tendo como resultado a origem do português que mais tarde seria transportado para as colônias do reino de Portugal, incluindo o Brasil.

Coutinho (2011) vem nos esclarecer que as modificações ou transformações pelas quais a língua latina sofreu estava intimamente relacionada a vários fatores que contribuíram para o surgimento dos idiomas românicos. Entre os fatores, podemos destacar: As causas históricas – influência no tempo e na maneira como ocorreu a consolidação das conquistas românicas e expansão do latim; A causa etnológica – diz respeito ao contato do latim com diferentes povos e culturas e a causa política – dominação de Roma sobre os povos conquistados e a imposição de sua cultura e língua a estes territórios.

⁵ Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/It%C3%A1lia_\(prov%C3%ADncia_romana\)#/media/Ficheiro:Roman_conquest_of_Italy_\(pt\).svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/It%C3%A1lia_(prov%C3%ADncia_romana)#/media/Ficheiro:Roman_conquest_of_Italy_(pt).svg) . Acesso em 15 ago. 2020.

Diante da expansão e conquista de muitos territórios, Roma chegou à Península Ibérica e a conquistou também. Por esse motivo, aconteceram as muitas modificações do latim a partir do contato com as línguas que lá estavam. Vale salientar que, desse contato, o latim foi se transformando até chegar ao português que conhecemos hoje. Portanto, de acordo com Coutinho, apud Silva (2019, p. 23) “as circunstâncias históricas, em que se criou e desenvolveu o nosso idioma, estão intimamente ligadas aos fatos que pertencem à história geral da Península”. Isso significa dizer que, por trás do desenvolvimento, do alargamento da língua portuguesa existe uma série de fatos que colaboraram para que a língua portuguesa fosse o que é hoje. Um desses fatos seria a existência de povos que habitavam a Península Ibérica antes da chegada dos romanos. Povos esses que tinham sua cultura, suas crenças, costumes, enfim, a região já tinha seu idioma que com o passar do tempo, mesclou-se ao idioma romano e começou a moldar-se, transformar-se.

2.3 O contato do latim com as línguas faladas na Península Ibérica e a chegada dos portugueses ao Brasil

Assis (2011) nos diz que antes de o Império Romano atracar na Península Ibérica (218 a.C.), a mesma já possuía um grande número de habitantes com uma variedade linguística e cultural. Entre as populações estavam duas bem diversas: os celtas que habitaram a Península Ibérica mais recentemente e a população ibérica, considerada uma das mais antigas populações presente no território e de considerável importância no contexto histórico da Península. Contudo, não só os celtas e a população ibérica habitavam à Península. Destacamos também, os povos fenícios, os gregos e os cartagineses.

Então, do contato com os romanos que foram os conquistadores, esses povos peninsulares tinham que se adequarem ao idioma que lhes era imposto – o latim. Com isso, a sociedade peninsular se romaniza.

Assis (2011) nos diz que com a implantação do latim na Península Ibérica, todos os povos adotaram o latim como língua e se cristianizaram. Além disso, este território, de início, foi dividido em duas grandes províncias: a Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior. Esta última se divide em outras províncias, a Bética e a Lusitânia, onde se localizava a Gallaecia. Vale salientar que a romanização da Península se deu gradativamente, isto é, o latim se impôs e fez com que as línguas nativas praticamente desaparecessem. O latim também sofreu influências

destas línguas por meio das diferentes características nos falares dos povos da região conquistada.

Conforme Coutinho (2011), o processo de romanização da Península Ibérica pode ser apresentado em duas épocas e fases diferentes: a fase de conflitos e guerras, iniciada no tempo da república com as guerras púnicas e estendendo-se até o estabelecimento de Roma no território peninsular; e a outra fase é identificada como aquela mais harmônica, marcada pela apropriação e incorporação na nova terra conquistada. Todos esses acontecimentos foram de fundamental importância na história da Língua Portuguesa, já que ocasionaram importantes mudanças linguísticas que contribuíram para o surgimento e formação do idioma português. Abaixo, apresentamos o mapa (Figura 6) das Guerras Púnicas no processo de romanização da Península Ibérica.

Figura 6 - Mapa das Guerras Púnicas



Fonte: Google Maps (2020)⁶.

⁶ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerras_P%C3%BAnicas#/media/Ficheiro:Punic_wars-pt.svg>. Acesso em 15 ago. 2020.

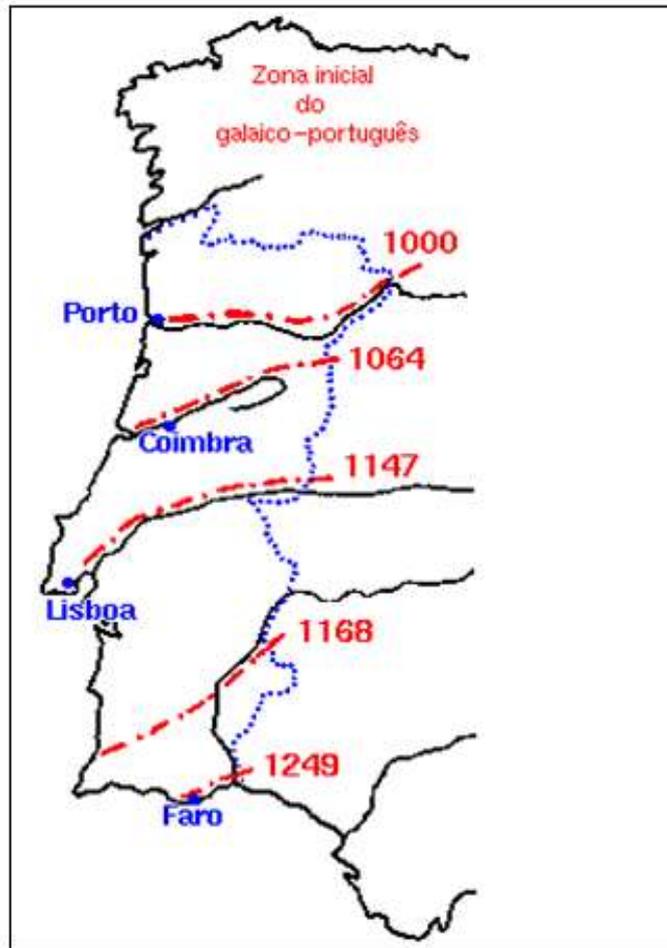
Vale mencionar que, de acordo com Assis (2011), os povos cartaginenses pretendiam conquistar a Península Ibérica, mas os povos celtiberos pediram ajuda romana. Por esse motivo, o território cartaginense foi invadido com o objetivo de deter sua expansão. Desse modo, com a luta entre romanos e cartaginenses – Guerras Púnicas, a Península Ibérica passou a ser dominada por Roma.

Como podemos perceber, a língua, desde o Lácio, época bem remota passou por transformações, por mudanças lexicais, sintáticas. Esse latim, língua dos romanos, foi se acentuando mais e mais por meio do processo de expansão do Império até chegar a Portugal, modificado e transformado devido às muitas conquistas, junção de culturas e idiomas.

Roma, então, com suas conquistas territoriais, sua acentuada expansão, estabeleceu seu vasto império e se encontrou no auge, com seu poder político e militar, mas com a expansão, vem o aumento das dificuldades para a manutenção de todo o império. Então, tempos depois, começou a perder o controle de seus domínios e a sua decadência tem início. E, conforme decaía, de acordo com Haury (2008), seu poder militar se enfraquecia, cresceu o avanço dos povos bárbaros nas fronteiras ibéricas. Esses avanços contribuíram para o declínio de Roma e abriram caminho para que outros povos investissem nos territórios. Com a decadência do Império, outros povos (visigodos, suevos etc.) de origem germânica, chegaram à Península, além dos árabes (711), que contribuíram muito para com o desenvolvimento da região.

Durante a invasão dos árabes surgiram as cruzadas cristãs que tinham como objetivo libertar os territórios ibéricos conquistados pelos muçulmanos. Eis os movimentos para a reconquista dos territórios dominados. Com a liderança de D. Henrique a serviço de Afonso VI, rei de Leão e Castela, foi desencadeada uma guerra religiosa, em que os cristãos ao longo do tempo, conseguiram expulsar os muçulmanos da Península e reconquistá-la. A seguir, mapa (Figura 7) da Reconquista Cristã.

Figura 7 - Mapa da Reconquista Cristã



Fonte: Google Mapas (2020)⁷.

Diante do mapa da Reconquista Cristã, pode-se perceber que nos tracejados em vermelho e azul, conforme os territórios dominados iam sendo recuperados pelos povos cristãos, algumas populações que se encontravam ao norte, deslocavam-se e se situavam ao sul. Do mesmo modo, outros povos, a exemplo dos castelhanos e os leoneses, também se dirigiram para o sul, ocupando as terras que se tornaram ou originaram o território português.

Portanto, com a Reconquista Cristã houve o surgimento de Portugal que foi progredindo até tornar-se um reino independente. E, com os vários acontecimentos na Península, há o surgimento das seguintes línguas: o galego-português (língua utilizada pelo reino de Portugal), o castelhano e o catalão. Em seguida, mapa do território Português (Figura 8).

⁷ Disponível em: <<https://www.cin.ufpe.br/~rac2/portugues/reconqu.html>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

Figura 8 - Mapa do Território Português



Fonte: Google Maps (2020)⁸

Notamos no mapa acima que Portugal apresentava um vasto território cada vez mais para o sul e firmam-se os povos que foram recuperados do domínio romano. Também na imagem, observamos os limites do território português.

Então, Portugal, já independente, entrou numa fase de desenvolvimento social, cultural e econômico. O mesmo diante dessa fase de independência apresentava uma língua que era falada por todo o reino, o galego-português, que surgiu com o passar do tempo e com a interação entre outros dialetos, que devido uma série de processos linguísticos, houve a separação do português com essa língua.

Com isso, houve a necessidade de uma língua que acompanhasse esse crescimento, pois o galego-português não mais atendia ou supria às aspirações linguísticas da sociedade

⁸ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Portugal#/media/Ficheiro:Portugal_topographic_map-pt.png>. Acesso em: 17 ago. 2020.

portuguesa. A nação desenvolveu-se junto com a Língua Portuguesa quando se separou do galego-português, tendo identidade própria, sendo uma língua independente. O Português tornou-se a língua oficial de Portugal. Isso aconteceu com a publicação de “Os Lusíadas” de Camões, em 1572.

Entre os séculos XV e XVI, Portugal encontrava-se consolidado político e economicamente independente, tendo como língua oficial o Português, é impulsionado pelo desejo de expandir o território. Com isso, inicia por meio do processo de navegação marítima, a conquista de novas terras para difundir seus costumes, crenças e idioma – essa missão ficou a encargo dos jesuítas que vieram com o intuito de catequizar os povos dominados. A seguir, mostraremos o mapa da expansão de Portugal através dos mares.

Figura 9 – Mapa da Expansão Marítima de Portugal



Fonte: Google Mapas (2020)⁹.

Conforme Portugal se expandia, maior seu império se tornava. Assim, da mesma forma que novos territórios estavam sendo dominados, a sua língua se expandia também, sendo levada às mais variadas regiões pelas quais as naus passavam e conquistavam. Essa língua, diante desse processo de expansão e de contato com diferentes civilizações com seus

⁹ Disponível em:

<https://www.google.com/search?source=univ&tbm=isch&q=mapa+da+expans%C3%A3o+maritima+de+portugal&sa=X&ved=2ahUKEwid55yDuoqLrAhX7LLkGHONbC7QQ7A16BAgJEEU&biw=1360&bih=657#imgsrc=ClgUu--NwYcx6M>. Acesso em 17 ago. 2020.

costumes, culturas e crenças, começa a sofrer transformações, influências das línguas dos povos conquistados.

E, como fora dito acima, as naus portuguesas desbravaram muitos territórios por meio marítimo. Entre esses territórios, destacamos o Brasil, um território extenso e cheio de riquezas, com fauna e flora exuberantes.

Ao entrarem em contato com as terras brasileiras, por volta de 1500, os portugueses encontraram aqui os povos nativos que já habitavam o novo território conquistado, os índios – que já traziam consigo seus costumes, sua cultura, suas crenças e tradição e como idioma vários dialetos próprios. A partir daí, a Língua Portuguesa se difundiu e se incorporou às línguas que existiam no território brasileiro – iniciava-se a colonização do novo território. Entre os povos indígenas encontrados no Brasil, nesse período de descobrimento, destacamos: o Tupi-Guarani, o Jê e outros que mostraremos por meio do mapa a seguir (Figura 10).

Figura 10 - Mapa dos povos indígenas do Brasil na época do descobrimento



Fonte: Google Maps (2020)¹⁰.

Como foi dito anteriormente, os colonizadores portugueses encontraram no Brasil, fruto das expedições, muitos povos que traziam consigo sua cultura, forma de viver e se relacionar com os demais. Esses povos foram sujeitos à língua portuguesa. Destacamos que a

¹⁰ Disponível em:

https://www.google.com/search?q=mapa+dos+povos+ind%C3%ADgenas+no+brasil+na+epoca+do+descobrim+o&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwiU08_DxaLrAhXFHLkGHb0hBAQ_AUoAXoECA0QAw&biw=1360&bih=657#imgrc=f-ZUEB4LixYX6M. Acesso em: 17 ago. 2020.

implantação do idioma foi dividida em 4 (quatro) momentos: a chegada dos colonizadores – trouxeram a língua portuguesa; as migrações de povos estrangeiros – saída de outros idiomas do território brasileiro, a exemplo: o holandês; A chegada da Família real ao Brasil em 1808 e a Independência do Brasil que adota o português como língua oficial. Aqui, o Brasil começa a receber povos de todos os lugares e com isso, o idioma vai transformando-se e o português falado pelos brasileiros vai se diferenciando daquele que outrora se falava em Portugal. A língua sofreu inúmeras alterações até chegar ao que conhecemos hoje.

Com relação às alterações sofridas pela língua, podemos pontuar o seguinte: A língua portuguesa foi difundida e misturou-se com as que existiam no território conquistado, o brasileiro. Os muitos dialetos indígenas falados no Brasil estiveram durante um longo período de tempo com o idioma português. Eram culturas, costumes e hábitos diferentes onde o conquistador impôs aos conquistados o seu modo de vida. Com isso a língua ia sendo transformada, modificava-se a língua materna indígena e era imposta a outra, o português de Portugal.

Sequenciando o nosso trabalho, apresentamos o capítulo intitulado, Importância do latim para o português contemporâneo, onde começamos com um breve histórico do latim, também comentamos sobre as mudanças externas e internas advindas das invasões, falamos sobre o Português no Brasil e as influências dos indígenas e dos negros em todo o processo de transformação da Língua Latina que conhecemos hoje.

3 IMPORTÂNCIA DO LATIM PARA O PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Fazendo uma retomada do que já foi explorado anteriormente, percebemos que a partir da língua latina é que se formou o léxico da língua portuguesa, por isso, a mudança é uma das características fundamentais que existem em todos os aspectos da vida humana. Em relação às línguas, é uma propriedade universal, quer na distinção linguística ao longo do tempo, quer na variação. Com isso, o português atual só será compreendido, se conhecermos a sua origem e evolução.

Nesse sentido, a Gramática Histórica de Coutinho (2011) é de fundamental importância para o estudo histórico da Língua Portuguesa. Ela é de inegável valor porque descreve as mudanças ocorridas na língua no decorrer da sua história, desde a sua origem no latim até a fase moderna. O idioma dos romanos, a princípio, era o latim que se transformou num instrumento literário e, no decorrer do tempo, passa a ter dois usos bem distintos: o clássico e o vulgar. Vale ressaltar que sempre houve o latim clássico e vulgar, mas as línguas românicas foram derivadas do latim vulgar.

O Latim Clássico era uma língua artificial e rígida, também chamado de latim literário, porque era uma língua escrita, culta e elegante, representada nas obras dos escritores latinos. O vulgar, ou o popular, era o latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana, inicialmente, e depois por todo o Império Romano, seriam as classes de pessoas incultas, que não tinham preocupações artísticas ou literárias.

De acordo com o autor, podemos observar a expansão do Latim Vulgar e que essas transformações, ocorridas ao longo do tempo, trouxeram como resultado o aparecimento das várias línguas neolatinas. Com as modificações/transformações do latim, várias outras línguas e dialetos foram aparecendo, como o catalão, o castelhano e o galego-português que era um idioma falado no ocidente da Península Ibérica. Mas, conforme suas fronteiras iam tomando conta também da região sul, o idioma foi também se alterando e predominando em toda a região. Com isso, o galego desenvolveu-se como uma variação do espanhol, e o português foi evoluindo, tornando-se a língua de uma nova nação – a língua do povo brasileiro.

E, ainda em Coutinho (2011), podemos afirmar com mais propriedade que o português é o próprio latim modificado, porque a língua portuguesa proveio do Latim Vulgar introduzido pelos romanos, e as circunstâncias históricas, em que se criou e desenvolveu o nosso idioma, estão intimamente ligadas a fatos que pertencem à história geral da Península Ibérica.

O Latim é uma língua que teve sua origem no Lácio, pequena região à margem do Rio Tibre, onde hoje é Roma, região central da Itália, estendendo-se por grande parte da Europa, pelo norte africano e por várias regiões asiáticas, até se transformar em dialetos (variedades linguísticas), que acabaram dando origem às línguas românicas ou neolatinas.

A esse respeito, Assis (2011, p. 115) nos diz o seguinte:

[...] do estabelecimento do domínio romano na região, os povos que habitavam a Península eram numerosos e apresentavam língua e cultura bastante diversificadas. Havia duas camadas de população muito diferenciadas: a mais antiga – Ibérica – e outra mais recente – os Celtas, que tinham o seu centro de expansão nas Gálias. Muito pouco se conservou das línguas pré-romanas. Outros povos haviam-se fixado na Península Ibérica: iberos, fenícios, gregos e cartagineses.

Abaixo, mapa (Figura 11) referente aos povos pré-românicos da Península Ibérica – antes da chegada do latim.

Figura 11 - Mapa do Latim falado na Península Ibérica



Fonte: Google Maps (2020)¹¹.

Conforme Assis (2011), vale ressaltar que as línguas que existiam na Península à chegada dos romanos, geralmente como consequência de uma conquista política, sofreram

¹¹ Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/book/view.php?id=2553540&chapterid=21816&lang=es>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

Ressaltamos aqui que a conquista romana não aconteceu de forma imediata, foram necessárias várias investidas até o domínio total da Península. O resultado em torno desse processo de conquista romana caracterizava-se pelo que chamamos de romanização da Península Ibérica que é um processo de aculturação das populações conquistadas por Roma durante a sua expansão, ou seja, os romanos implantaram sua civilização na Península Ibérica, organizaram o comércio, o serviço de correio, implantaram o serviço militar e construíram escolas, o latim passou a servir de meio a uma cultura mais avançada.

Assis (2011, p. 116) confirma que

[...], a língua e os costumes romanos foram progressivamente assimilados, de maneira que a Península Ibérica chegou ao século V d.C. completamente romanizada, ou seja, politicamente pertencendo ao Império Romano e linguisticamente falando a língua de Roma – o latim. O território ocupado pelos romanos em sua expansão, a România, constituía-se de diversas províncias: a Hispânia, a Gália, a Itália, a Dácia, todas integradas na unidade imperial até o século V d.C., enquanto durou o apogeu do Império Romano.

Isso nos mostra que, conforme Assis (2011, p. 116), “o Latim Vulgar, utilizado nas diversas regiões conquistadas pelos romanos, fez desaparecer, na Península Ibérica, as línguas nativas dos primitivos habitantes e passou a sofrer o influxo dos substratos céltico, ibérico e ligúrico”. Ela ainda diz que a fixação da Língua Latina na Península Ibérica constituiu-se como um meio determinante para a formação da Língua Portuguesa, ocorrida no século II a.C., quando as tropas romanas, dominaram a Hispânia e obrigaram sua civilização, depois de inúmeras lutas. Vale lembrar que todos os povos da Península adotaram o latim como língua e também foram cristianizados, com exceção dos povos bascos.

Sobre a conquista e romanização da Hispânia, Assis (2011, p. 116) vem nos mostrar que

A romanização foi condicionada por fatores diferentes, como o prestígio de Roma e a dispersão das tribos. Esse período do contato entre hispânicos e romanos pode ser dividido em três fases, que consistem em um momento inicial de *expectativa*, em que as diferentes culturas se confrontam; uma fase intermediária de *marginalidade*, em que há participação nas duas culturas, fase de bilinguismo; por último, a *vitória* da cultura romana, em que ocorre a romanização.

Conforme explicita a autora, após a romanização, o território da Península Ibérica foi dividido, inicialmente, em duas grandes províncias, Hispânia Citerior (palco de um

Ainda, de acordo com Assis (2011, p. 117), quanto aos vocábulos gregos, eles se dividem em quatro grupos distintos conforme o ingresso ao léxico português: apresentam-se aqui palavras de épocas anteriores aos romanos, na colonização grega: “*bolsa, cara, cola, governar*”; palavras que entraram no vocabulário, possivelmente incorporadas ao léxico latino, com o advento do Cristianismo: “*anjo, apóstolo, bíblia, crisma, diabo*”; palavras disseminadas através do árabe, como “*acelga, alambique, quilate, alcaparra*”; palavras medievais, que integraram por intermédio das línguas românicas, como “*esmeralda (provençal), monge (provençal), esmeril, farol, guitarra*” e por fim, palavras que, a partir do século XVI vincularam-se ao idioma através da Ciência da Tecnologia: “*telefone, fonema, homeopatia, microscópio*”. Os fenícios contribuíram minimamente ao vocabulário português. Eis a sua colaboração: “*saco (fenícia), mapa, malha, (púnico)*”.

3.1 Mudanças externas advindas das invasões

A Península Ibérica foi ocupada por povos de origem germânica no século V e o território foi então conquistado por alguns desses povos. Entre eles, temos os suevos que, em 410 estabeleceram na Galícia o reino Suevo, e na Lusitânia, os alanos chegaram a conquistar algo, mas foram os visigodos os grandes dominadores da Península. Esses povos adotaram em grande parte a cultura romana, incluindo as leis, o cristianismo e a língua – o latim escrito manteve-se na Europa como língua de cultura, sofrendo influências das línguas germânicas, principalmente, no campo semântico ligado à guerra e a vestimentas, além de alguns nomes próprios e topônimos. Segundo Assis (2011, p. 117) “Com o domínio visigótico, a unidade romana rompeu-se totalmente. Por outro lado, os visigodos romanizaram-se, ou seja, fundiram-se com a população românica [...]”.

Vale salientar que na base da formação das línguas românicas estão as características do latim vulgar. Além delas, vale considerar também as influências de superstrato (a língua do povo conquistador que deixa marcas na língua do povo conquistado, permanecendo a última) e de adstrato (quando duas línguas vigoram uma ao lado da outra - bilinguismo).

A partir do século VIII d. C. os árabes invadiram a Península Ibérica que até 711 era dominada pelos visigodos. Os árabes também assentaram domínios na península, tratava-se de um povo de cultura, raça, costumes e religião diferentes dos peninsulares. Foram muito importantes para o desenvolvimento cultural e científico da Ibéria, trazendo vários

conhecimentos em agricultura, filosofia, história, matemática, medicina, comércio e indústria. Aqui, desde 711, nas regiões conquistadas, o árabe é adotado como língua oficial. Entretanto, a língua latina, apesar das influências sofridas por vários povos, continuou sendo a língua oficial. São contribuições árabes ao vocabulário português atual, segundo Assis (2011): “*arroz, alface, alicate, adaga, alferes, alazão, corcel, aldeia, alcova, azulezo, almofada, açude, algodão, azeite, açúcar, alfinete, cuscus, algarismo, álgebra zero, refém e inúmeras outras*”.

Portanto, depois das influências e, de acordo com Assis (2011, p. 118) foi “no reinado dos reis católicos da Espanha, Fernando e Isabel, encerrou-se o período de dominação dos árabes e teve o importante papel de desencadear a formação de Portugal como Estado monárquico, bem como a definição do território português”. É nesse contexto que falamos sobre a reconquista cristã e a formação do reino de Portugal, ou seja, da língua galego-portuguesa à Língua Portuguesa que conhecemos hoje.

Eis o que Assis nos diz a respeito da reconquista cristã da Península

Os cristãos refugiaram-se no norte da península, onde levantaram castelos que deram origem ao reino de “castilla”, ou terra dos castelos. Em Alcama, nas Astúrias, o rei visigodo Pelágio derrotou os árabes dando o início à Reconquista, no ano de 718. Esse movimento foi alastrando-se para o sul, através das cruzadas – lutas para expulsar os mouros, os mulçumanos, da Península Ibérica -, recuperando os territórios perdidos que originaram os reinos de Leão, Castela e Aragão. Mulçumanos e cristãos desencadeiam uma guerra religiosa durante sete séculos de ocupação. [...]. Nas regiões dominadas pelos árabes viviam os *moçárabes*, receberam maior influência dos árabes na linguagem e nos costumes, exceto na religião, pois continuavam cristãos. (ASSIS, 2011, p. 118.).

Foi no período de reconquista do território ibérico que nasceu o reino independente de Portugal, fato determinante para a sobrevivência do galego-português, língua que havia se formado na península. Após a reconquista, os moçárabes – termo que significa “submetido ao árabe”, aqueles que participaram do repovoamento promovido pelos soberanos cristãos e muçulmanos, adotaram como sua língua, o galego-português, que durante muito tempo foi ainda a língua lírica em toda a península.

Mas, com a independência de Portugal junto às mudanças culturais, sociais e econômicas resultantes da mesma fez com que o galego-português perdesse forças, se enfraquecesse, dando espaço ao surgimento definitivo do português, quando em 1290, D. Dinis tornou a língua portuguesa idioma oficial do território, que foi organizada e defendida

por estudiosos da língua, entre eles os autores das duas primeiras Gramáticas da Língua Portuguesa – Fernão de Oliveira e João de Barros, a primeira em 1536 e a segunda em 1540.

Na sequência, mostramos algumas mudanças linguísticas ocorridas do latim até a atualidade, em que se observa diferenças na fonética, na morfologia, no léxico e na sintaxe e a presença de características das variedades clássica ou vulgar ou outra variedade que atesta a origem das línguas românicas.

3.2 Passeando na História da Língua Portuguesa: mudanças internas

Para Assis (2011), é importante ressaltar que algumas características existiam também no Latim Clássico, mas se acentuavam no Latim Vulgar. São algumas das particularidades do Latim Vulgar em relação ao latim clássico:

a) Em relação à fonética, uma mudança importante foi a perda das oposições de quantidade. O Latim Clássico caracterizava-se pela existência de cinco vogais, sendo que cada uma dessas vogais podia ser longa ou breve, e essa distinção fonológica estava aliada a uma diferença no significado das palavras: pŏpulum (ó breve) significa povo, enquanto pōpulum (ô longo) significava choupo; lŭto (u breve) significava luto enquanto lūto (u longo) significava lodo.

ā ē ī ō ū = **fechadas**
 ă ě ĭ ǒ ũ = **abertas**

No Latim Vulgar, as diferenças de duração se associaram às de timbre, de modo que o timbre passou a ser distintivo e a diferença de duração na pronúncia das vogais desapareceu. Eis o quadro comparativo das vogais tônicas no Latim Clássico e Vulgar:

Quadro 1 - Quadro comparativo das vogais tônicas no latim clássico e vulgar

Latim clássico	Latim vulgar	Português	Exemplos
ā, ă	a	a	prātu > prado; pāce > paz ăqua > água; áquila > águia
ĕ	é (aberto)	é (aberto)	mĕlle > mel; nĕbulam > névoa
ē, ĭ	ê (fechado)	ê (fechado)	cĕra > cera; pĭra > pêra
ī	i	i	fĭlu > fio; rĭvum > rio
ŏ	ó (aberto)	ó (aberto)	prŏba > prova; rŏtam > roda
ō, ũ	ô (fechado)	ô (fechado)	amŏre > amor; bŭcca > boca
ū	u	u	pŭro > puro; secŭrum > seguro

Fonte: ASSIS (2011, p. 121).

- b) Havia no Latim Vulgar, uma tendência para as vogais átonas caírem, evitando o uso de palavras proparoxítonas, como ocorre nos exemplos a seguir: *conducere* (latim clássico) > *conducere* (latim vulgar) = conduzir (português); *alacrem* (latim clássico) > *alacrem* (latim vulgar) > alegre (português).
- c) No léxico, havia predominância de uso de vocábulos mais populares e efetivos com sufixos diminutivos. Enquanto o Latim Clássico usava a palavra *equus* (cavalo de montaria), no sentido de cavalo, o Latim Vulgar preferia utilizar *caballus* com o mesmo sentido, embora originalmente essa palavra tivesse outra significação (cavalo de lavoura). O português adotou a palavra cavalo do Latim Vulgar.

Latim vulgar	Latim clássico	Português
<i>apprendere</i>	<i>discere</i>	<i>aprender</i>
<i>bucca</i>	<i>os</i>	<i>boca</i>
<i>casa</i>	<i>domus</i>	<i>casa</i>

- d) Outra característica do Latim Vulgar que permaneceu no português foi a preferência pelas palavras compostas, no lugar das palavras simples usadas no Latim Clássico:

Latim vulgar		Latim clássico	Português
<i>ovis</i>	→	<i>ovícula</i>	<i>ovelha</i>
<i>spes</i>	→	<i>*sperantia</i>	<i>esperança</i>
<i>cor</i>	→	<i>*coratio</i>	<i>coração</i>

- e) Algumas palavras do Latim Clássico recebiam uma significação especial no Latim Vulgar:

- *parens, parentes*: *pai e mãe* (latim clássico), *parentes* (latim vulgar)
- *viaticum*: *provisão* (latim clássico), *viagem* (latim vulgar)
- *comparare*: *preparar* (latim clássico), *comprar* (latim vulgar)

- f) Do ponto de vista morfológico, no Latim Clássico, as palavras eram divididas, segundo a terminação, em cinco grandes declinações, estas cinco declinações reduziram-se a três no Latim Vulgar, conforme veremos na morfologia histórica apresentada, compilada e adaptada por Marcos Bagno (2007), onde ele nos mostra que o Latim Clássico era uma língua sintética, isto é, exprimia as funções

sintáticas das palavras por meio de desinências, ao passo que já o latim vulgar e as línguas românicas são analíticas, isto é, exprimem as funções sintáticas das palavras mediante a ordem destas no sintagma e pelo uso de elementos como artigos e preposições:

LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
liber Petri	libru de Petru	o livro de Pedro

Assim é que no latim literário existem tantas desinências ou flexões quantas são as funções sintáticas que uma palavra pode exercer na oração:

FUNÇÃO GRAMATICAL	PORTUGUÊS	LATIM CLÁSSICO	CASO SINTÁTICO
1. sujeito	Pedro	Petr <u>u</u>	Nominativo
2. complemento restritivo	de Pedro	Petr <u>i</u>	Genitivo
3. objeto indireto	a Pedro	Petr <u>o</u>	Dativo
4. objeto direto	Pedro	Petr <u>um</u>	Acusativo
5. vocativo	ó Pedro	Petr <u>e</u>	Vocativo
6. adjunto adverbial	com Pedro	Cum Petr <u>o</u>	Ablativo

Fonte: Bagno (2007, p. 28-29).

A tendência analítica da língua falada corrente levou a eliminação dessas desinências de caso, substituindo-as pelo enrijecimento da ordem dos termos na oração (predominantemente SVO, isto é, sujeito-verbo-objeto) e pelo uso de artigos (inexistentes em latim) e preposições.

Em relação à redução dos casos, Bagno (2007, p. 29) vem nos falar sobre o caso lexicogênico, nos dizendo o seguinte:

O resultado dessas reduções foi que apenas dois casos restaram no latim vulgar: o nominativo e o acusativo, [...]. Depois dessa redução, as funções que eram inerentes aos outros casos foram exercidas pelo acusativo com preposição. [...]. Na Península Ibérica, o acusativo e o nominativo se fundiram, com predominância do acusativo. Daí se dizer que o acusativo, em português é o caso lexicogênico, [...]. Cedo, no latim vulgar, a desinência -m, característica do acusativo, se perdeu, de modo que o étimo de verdade é a forma veritate. Portanto, na reconstrução do étimo de uma palavra da língua portuguesa, é necessário recorrer à forma da palavra latina original no caso acusativo, de modo que para livro devemos recorrer a libru (m) e não a liber; para homem, devemos recorrer a homine (m) e não a homo.

No entanto, embora o acusativo seja o caso lexicogênico da maioria das palavras do português, restaram alguns vestígios, na língua, de outros casos provenientes do latim. A esse respeito, Bagno (2007) esclarece:

- a) do nominativo: nomes próprios como Deus, Cícero, César, Nero, Júpiter etc. Palavras eruditas como sóror, serpe, câncer, ladro, virgo etc. Os pronomes pessoais do caso reto: eu, tu, ele, nós, vós, eles. Os demonstrativos este, esse, aquele;
- b) do genitivo: as palavras compostas eruditas como terremoto (terrae + moto); aqueduto (aquae + duto); agricultura (agri + cultura); jurisprudência (juris + prudentia); uxoricida (uxoris + cida);
- c) do dativo: crucifixo (cruci + fixu); os pronomes mim (mihi), ti (tibi), si (sibi), lhe (illi);
- d) do ablativo: agora (hac + hora); fidedigno (fide + digno).

Após mencionar o caso lexicogênico, Bagno (2007, p. 30) nos faz recordar o que foi dito anteriormente, que “no Latim Clássico, as palavras eram divididas, segundo a terminação, em cinco grandes classes, chamadas declinações. O que identificava uma declinação era a desinência que a palavra apresentava no caso genitivo (por isso, nos dicionários de latim, as palavras vêm sempre expressas no nominativo, seguidas da terminação do genitivo)”:

1ª DECL.	2ª DECL.	3ª DECL.	4ª DECL.	5ª DECL.
hora, -ae	lupus, -i	mare, -is	cantus, -us	dies, -ei

Fonte: Bagno (2007, p. 30).

No Latim Vulgar, essas cinco declinações se reduziram a três, sobretudo, porque eram poucos os nomes que se enquadravam na 4ª e na 5ª. Dessa forma, os nomes da 5ª passaram, em sua maioria, para a 1ª e, em menor volume, para a 3ª declinação. Os nomes da 4ª se transferiram para a 2ª, pela semelhança que existia entre as desinências casuais.

Para isso contribuiu a confusão que já existia no próprio Latim Clássico, em que alguns substantivos da 5ª podiam também ser declinados pela 1ª: avarities, -ei ou avaritia, -ae; luxuries, -ei ou luxuria, -ae; materies, -ei ou materia, -ae. O mesmo ocorria com os nomes da 4ª e da 2ª: domus, -us ou domus, -i; colus, -us ou colus, -i; fructus, -us ou fructus, -i. Em relação ao que foi explicitado anteriormente, Bagno (2007, p. 30) esclarece que:

Se na língua escrita mais monitorada já se verificava o fenômeno, na língua falada corrente a necessidade de clareza, maior e mais urgente, tornou categórico o emprego da preposição. Com isso, a maior parte dos casos, tornados desnecessários, desapareceu. Restaram apenas, [...], o nominativo (caso do sujeito) e o acusativo (caso do objeto).

Vale constatar que nas línguas românicas ibéricas houve a fusão desses dois casos. No francês arcaico, permaneceu durante algum tempo a distinção entre dois casos, o caso sujeito e o caso-regime (para todas as funções diferentes do sujeito), que não sobreviveu. Na língua romena, até os dias de hoje, se conserva a distinção entre dois casos (um nominativo/acusativo, e outro, dativo/genitivo).

Dando sequência aos estudos, Bagno (2007, p. 30) vem nos falar sobre o gênero dos substantivos e o desaparecimento do neutro nos fazendo refletir que

É provável que no indo-europeu primitivo o gênero gramatical dos nomes se fundamentasse no sexo biológico real. Por isso, os seres inanimados eram do gênero neutro (neuter, “nem um nem outro”). Essa distinção, no entanto, logo perdeu todo vínculo com a realidade objetiva e o gênero se tornou uma categoria exclusivamente gramatical e, portanto, arbitrária. Por causa disso, encontramos no grego e no latim, por exemplo, seres inanimados classificados como masculinos ou femininos. Os substantivos abstratos em latim podiam ser de qualquer gênero: *religio*, *religionis* é feminino, enquanto *amor*, *amoris* é masculino, e *examen*, *examinis* é neutro.

Com isso, podemos observar que na transformação do latim nas línguas românicas, o gênero neutro foi desaparecendo e hoje é possível dizer que nelas deixou de existir como categoria gramatical. Abaixo, conforme o autor, vejamos que fatores podem ter condicionado o desaparecimento do gênero neutro:

Na 1ª declinação não existiam nomes neutros: eram quase todos femininos, de tal forma que a terminação -a passou a ser característica dos nomes femininos em português, ao contrário do latim, em que as palavras femininas podiam ter as mais diversas terminações (inclusive -o, como no nominativo de *passio*, *religio*, *virgo*, *vertigo* etc.).

Na 2ª declinação, a maioria dos nomes eram masculinos e neutros. Com isso, a terminação -o (do acusativo singular -um > -u > -o) se tornou a característica dos nomes masculinos em português. Os substantivos neutros, como tinham suas desinências idênticas às dos masculinos, também passaram a esse gênero. Bagno (2011, p. 31) nos apresenta alguns exemplos: “*pratum* > *pratu* > *prado*; *exemplum* > *exemplu* > *exemplo*; *templum* > *templu* > *templo*; *vinum* > *vinu* > *vão* > *vinho* etc”.

No entanto, como a terminação do plural dos neutros era -a (exemplum — exempla), ocorreram confusões desse plural com o gênero feminino. É o que se verifica com as palavras usadas com o valor de pluralidade ou de coleção que, neutras plurais em latim, se transformaram em femininas singulares em português:

Quadro 2 - Palavras neutras plurais em latim que se transformaram em femininas singulares em português

LATIM		PORTUGUÊS
NEUTRO SING.	NEUTRO PLUR.	FEM. SING.
Ovum	Ova	Ova
Folium	Folia	Folha
Brachium	Branchia	Braça
Lignum	Ligna	Lenha
Interaneum	Interanea	Entranha
Vestimentum	Vestimenta	Vestimenta

Fonte: Bagno (2007, p. 31).

Os nomes neutros da 3ª declinação passaram, em geral, para a 2ª, assumindo o gênero masculino. Alguns, cujo gênero já alternava em latim com o masculino ou o feminino, passaram ao português com esses gêneros: *mare* > *mar*) e *rete* > *rede* .

Também, como pontos importantes nesse contexto, Bagno (2007) nos apresenta alguns vestígios do neutro em português, além da questão dos adjetivos e dos verbos em torno desse processo de modificações do latim até os dias atuais.

De início, ele diz que o gênero neutro não existe como categoria gramatical em português. No entanto, sobreviveram dele alguns vestígios na língua atual:

- a) pronomes demonstrativos — isto, isso, aquilo e o (equivalente a isto, isso, aquilo, como em: “Traga só o que eu pedi”);
- b) pronomes indefinidos — tudo, nada, algo;
- c) adjetivo substantivado — o útil, o agradável, o belo;
- d) infinitivo substantivado — “dirigiu o olhar para mim”; “fumar é prejudicial à saúde”

Em relação aos adjetivos, o autor ressalta que a sua morfologia flexional no Latim Vulgar era menos complexa do que a dos substantivos, já que era regulada pelas desinências das declinações que se mantiveram na língua falada corrente.

Os adjetivos chamados de 1ª classe na gramática latina tinham uma forma destinada a adaptar-se a cada um dos gêneros dos substantivos a que se referiam: *justus* (masc.), *justa* (fem.), *justum* (neutro). Desaparecido o neutro e eliminados os casos, tais adjetivos assumiram as seguintes formas:

SINGULAR: -u > -o, -a > -a: *justu* > *justo*, *justa* > *justa*;

PLURAL: -os > -os, -as > -as: *justos* > *justos*, *justas* > *justas*.

Com o desaparecimento da forma do neutro, agravada com o fato de serem idênticas às desinências do masculino e do feminino no único caso sobrevivente (o acusativo), os adjetivos de 2ª classe, que antes podiam ser triformes, biformes ou uniformes, acabaram por ficar todos uniformes, qualidade que persiste nos seus correspondentes portugueses:

SINGULAR: -e > -e: *celebre* > *célebre*; *leve* > *leve*; *cortense* > *cortês*

PLURAL: -es > -es: *celestres* > *célestres*; *leves* > *leves*; *cortenses* > *corteses*

Quanto aos verbos, nos faz refletir sobre a redução das conjugações nos dizendo que no Latim Clássico literário havia quatro conjugações, caracterizadas pelas terminações dos infinitivos:

1ª CONJ.	2ª CONJ.	3ª CONJ.	4ª CONJ.
-are	-ēre	-ēre	-ire

Bagno (2007) nos diz que “a 1ª conjugação era, sem dúvida, a mais rica em número de verbos [...]. E tal como ocorre com o português e demais línguas românicas, em que os verbos de formação tardia e recente vão para a 1ª conjugação (telefonar de telefone; escanear de scanner etc.), também em latim ela era a chamada conjugação produtiva, por acolher as novas formações”, tanto decorrentes de substantivos (*oculare* de *oculus*), de adjetivos e participios (*altiare* de *altus*; *adjutare* de *adjutum*), quanto de palavras tomadas de empréstimo a outras línguas (*gubernare*, do grego *kybernan*; *guitare*, do germânico *witan*). Com isso, a 1ª conjugação resistiu melhor às alterações surgidas na língua falada corrente: embora passasse a abrigar verbos originariamente pertencentes às outras conjugações (*torrare* por *torrēre* > *torrar*; *moliare* por *mollire* > *molhar*), são raros os exemplos de verbos da 1ª que tenham se transferido para outra conjugação.

A 4ª conjugação, com infinitivos em -ire, se enriqueceu na língua vulgar e continuou a enriquecer-se como terceira conjugação do português. Por exemplo, ela incorporou numerosos verbos da 2ª e da 3ª clássicas, já confundidos entre si pela semelhança de algumas formas: nelas, as primeiras pessoas do singular do presente do indicativo eram praticamente idênticas — *debeo*, pronunciada correntemente *debio* (2ª), *fugio* (3ª) e *punio* (4ª). Isso

ocasionou transferências de conjugação: “lucēre > lucire (donde luzir, em português), florēre > florire (port. florir), cingēre > cingire (port. cingir), fugēre > fugire (port. fugir)”.

A 2ª e a 3ª conjugações, no entanto, não tinham condições de sobreviver como paradigmas perfeitamente delimitados. Já no latim clássico se verificava alguma dúvida quanto à localização de certos verbos numa e noutra dessas conjugações: “fervēre ~fervēre; tergēre ~ tergēre”. Com isso, era previsível que, com exceção dos verbos que tomaram a terminação -ire, a 3ª conjugação, a mais pobre, se confundisse com a 2ª, acabando por ser totalmente eliminada no latim vulgar da Península Ibérica. Note-se que o mesmo não se deu no francês nem no italiano: ambas as línguas conservam quatro paradigmas de conjugação verbal (francês: “aimer, voir, prendre, partir; italiano: amare, vedere, préndere, partire”). O romeno também tem quatro conjugações.

Além do que foi apresentado, o autor faz um enfoque a respeito dos verbos anômalos, o sistema de conjugação do verbo latino, as perdas e as inovações na conjugação e a conjugação do português que diante de tamanhas transformações resultaram nos modos e tempos verbais que conhecemos hoje: Tempos: presente, imperfeito, futuro do presente, pretérito perfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito; Modos: indicativo, subjuntivo e imperativo.

- g) Na sintaxe, dando sequência às ideias de Assis (2011), havia a liberdade de colocação das palavras na frase, com tendência à ordem inversa. A frase portuguesa Deus ama o homem poderia ser dita em latim clássico das seguintes maneiras:

Deus hominem diligit.

Hominem diligit Deus.

Diligit Deus hominem.

Hominem Deus diligit.

- h) Enquanto no Latim Clássico as preposições eram poucas, o Latim Vulgar usava-as com maior frequência, como consequência da redução dos casos.

Petri liber (latim clássico) *Liber de Petri* (latim vulgar)

E, como fora mencionado acima, os resultados de tantas características, de tantos traços, nos fazem confirmar o que fora dito acima por Bagno (2007), que o Latim Clássico era uma língua sintética (por apresentar funções sintáticas expressas por meio das desinências, chamadas casos) e o Latim Vulgar era uma língua analítica (fazendo uso da preposição, do

artigo para expressar as relações sintáticas, eliminando os sistemas de casos, assim como a Língua Portuguesa. Vale lembrar que muitas dessas características elencadas foram herdadas nas línguas românicas.

3.3 O Português no Brasil

A Língua Portuguesa é parte da identidade do nosso país, quando os portugueses aqui chegaram em 1500 trouxeram em suas naus uma vasta bagagem cultural, seu idioma, a Língua Portuguesa talvez tenha sido a herança mais significativa aqui deixada pelos lusitanos. Como se sabe o Brasil já era habitado pelos índios que falavam sua própria língua nativa o Tupinambá ou Tupi-guarani, porém a Língua Portuguesa foi enraizando-se e misturando-se com a indígena, adquirindo peculiaridades próprias. A Língua Portuguesa no Brasil é marcada por fatos históricos, culturais e sociais que a diferenciam dos demais países que a tem como língua materna.

O português falado no Brasil não sofreu influência apenas da língua indígena, como também de espanhóis, holandeses e outros povos europeus e africanos. Isso ajuda a explicar porque na nossa língua existem tantas variedades linguísticas, sotaques que diferem de uma região do país para outra. Nesse contexto, observamos que aconteceu um processo evolutivo, além de várias mudanças ocorridas na formação da Língua Portuguesa em toda essa diversidade cultural, social e histórica. Vale ressaltar que mesmo com influências de países europeus, destacaremos apenas a influência das línguas indígenas e africanas na formação da Língua Portuguesa.

Com o passar do tempo o Brasil foi buscando sua identidade própria, a língua portuguesa foi ficando cada vez mais “brasileira” distanciando-se da língua trazida pelos portugueses. Porém, esse processo de mudança não aconteceu de uma hora para a outra, ocorreu entre os séculos XVI e XVIII ou XIX, e a língua que falamos hoje sofreu fortes mudanças, onde se percebe que o português que é falado em Portugal, na Angola, entre outros países, possui semelhanças morfológicas, sintáticas e fonéticas àquilo que é falado no Brasil.

3.4 As Línguas Indígenas e Africanas

No período colonial, existiam as diversas línguas dos povos que habitavam o Brasil à época da colonização e, mais adiante, outras línguas trazidas pelos povos africanos que foram escravizados. A esse respeito, no período colonial, de acordo com Teyssier (1997, p. 62):

Os “colonos” de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígena, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de uma forma imperfeita. Ao lado do português existe a *língua geral*, que é o tupi, principal língua indígena das regiões costeiras, mas um tupi simplificado, gramaticalizado pelos jesuítas e, destarte, tornado uma língua comum.

Sendo assim, no sentido que se apresentam, não só a Língua Portuguesa, como também as línguas indígenas e as línguas africanas formaram a base, o fundamento da Língua Portuguesa falada hoje no Brasil.

3.4.1 Os Índios

Quando os portugueses chegaram ao Brasil encontraram os índios divididos em várias tribos, com suas tradições e línguas. Os contatos iniciais eram feitos por uma linguagem fácil, elegante, suave, copiosa e de base tupi. Contudo, os padres jesuítas julgavam importante aprender a língua dos nativos, pois a variedade de línguas impedia a conversão. Assim, aprender o tupi, um tupi simplificado, despojado de seus traços fonológicos e gramaticais mais típicos para que os índios pudessem adaptar-se à consciência linguística dos brancos. “Essa língua foi estudada, fixada em catecismos, dicionários e gramáticas e institucionalizada como língua de contato entre colonizadores e índios” (ASSIS, 2011, p. 150). Foi daí que surgiu a expressão *língua geral*, que predominava principalmente na região paulistana e na região da Amazônia, com características peculiares e diferentes em cada uma.

Assis (2011, p. 150) vem nos esclarecer sobre essa questão explicitando que

[...] a expressão língua geral, de base tupi, que indicava a língua de uso mais extenso numa região, e mesmo usada por grupos falantes de outros idiomas, e que durante muito tempo viveu lado a lado com a língua portuguesa. O tupi era utilizado pelos bandeirantes, pelas famílias de portugueses e índios. A língua geral predominava, sobretudo, em São Paulo e no Amazonas, enquanto na costa, ensinado nas escolas, o português se impunha.

Vale salientar que as línguas gerais foram o principal código de comunicação na colônia e durante muito tempo conviveu com o português falado na costa e ensinado nas escolas, nesse momento da história, a maior parte da população era ainda de indígena. Contudo, essa língua entra em declínio a partir da segunda metade do século XVIII. Nesse sentido, (Teyssier, 1997), nos mostra algumas razões para a decadência da língua geral, entre as quais temos: A chegada de imigrantes portugueses; O Diretório (1759) de marquês de Pombal, proibindo o uso da língua geral e obrigando o uso oficial da Língua Portuguesa; A expulsão dos Jesuítas.

Como contribuições lexicais, mesmo sem a comprovação das influências fonológicas e gramaticais das línguas indígenas foram incorporadas de tais línguas pelo português, vários vocábulos do tupi-guarani, entre os quais citamos conforme Silva (2017, p. 15) *apud* Castilho: “*pipoca, maracujá, aipim (mandioca), jacaré, sabiá, tatu, jararaca, pitanga, goiaba e topônimos como Guanabara e Maracanã*”.

3.4.2 Os Negros

Além das línguas gerais e das línguas indígenas, a língua portuguesa conviveu com as línguas africanas que foram trazidas para o Brasil pelos diferentes grupos escravizados. Esses negros eram integrantes de duas culturas ou regiões subsaarianas: “os bantos fixaram-se no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Maranhão, Pernambuco e Alagoas, e os sudaneses – que se estabeleceram principalmente na Bahia”. (ASSIS, 2011, p. 151).

Assis (2011) ainda diz que, ao desembarcarem, com maior ou menor dificuldade no Brasil, os negros eram separados de seus grupos linguísticos, por esse motivo, adquiriam conhecimentos da língua geral, uma vez que precisavam se comunicar com seus senhores e demais moradores da colônia como os mestiços e os negros crioulos. Essa interação, somada ao crescente número de africanos e descendentes no Brasil, tornou inevitável que as línguas entrassem em algum contato e que, com o tempo, a língua falada na colônia sofresse influências e acréscimos das línguas africanas. Para alguns autores, entre os quais citamos Rodrigues (1983) e Castro, duas foram as línguas adotadas como gerais: o nagô ou iorubá, na Bahia e o quilombo, no Rio de Janeiro e em Minas.

Podemos citar algumas contribuições lexicais das influências dos africanos no português, entre elas: “*bagunça, cachaça, moleque e cachimbo, todas de origem banto*”, de acordo com Pessoa de Castro (2012, p. 9). Vale salientar que, mesmo com influências, a

Língua Portuguesa, portanto, foi imposta como idioma oficial e obrigatório, tornando-se assim superior às demais e, por vezes, provocando a sua extinção, ou seja, a extinção das línguas nativas. No entanto, diante de tais influências, a língua portuguesa incorporou características morfológicas, sintáticas e fonológicas, que, por conseguinte, contribuíram essencialmente para a formação do português que é falado hoje no Brasil.

No capítulo a seguir, fizemos a descrição de 3 (Três) capítulos do Livro Didático de Português do 1º ano do Ensino Médio, deixando claro que os conteúdos são referentes ao estudo dos aspectos históricos da Língua Latina e o ensino de Língua Portuguesa – motivo da escolha do livro. Os capítulos descritos referem-se: A origem da Língua Portuguesa, às Variedades linguísticas e aos processos de formação de palavras que foram apresentados de forma sucinta. Na sequência, expomos novas possibilidades para melhor trabalharmos atividades, promovendo a construção dos conhecimentos, ou seja, uma melhor compreensão dos conteúdos.

4 ABORDAGEM DESCRITIVA DO LIVRO DIDÁTICO

Como introduzimos acima, neste item, fizemos a descrição de 3 (Três) capítulos do *Livro Didático Português: Trilhas e Tramas*, de Maria das Graças Leão Sette *et al.*, volume 1, segunda edição, editora Leya, São Paulo, 2016, destinado ao 1º (primeiro) ano do Ensino Médio, cujo material analisado refere-se ao manual do professor. O referido Livro, por sua vez foi aprovado pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) que se encontra em uso na realidade escolar, sendo escolhido como *corpus* da nossa pesquisa, pelo fato de apresentar conteúdos referentes aos aspectos históricos da Língua Portuguesa que estamos investigando. Então os capítulos escolhidos, após uma apreciação dos títulos, e por condizerem com a nossa proposta de trabalho foram os seguintes: A origem da língua portuguesa (cap. 8); Variedades linguísticas (cap. 17) e Processos de formação de palavras (cap. 20).

Além das informações já mencionadas anteriormente, o material didático também é composto por quatro unidades - Integrando Linguagens; Literatura e Leitura de Imagens; Gramática e Estudo da Língua e Produção de Textos Oraís e Escritos, em que cada unidade subdivide-se em vários capítulos que por sua vez, são compostos de seções e boxes: Na bagagem (Mobilização do conhecimento prévio); Nas trilhas do texto (Textos verbais e não verbais, seguidos de atividades de interpretação e construção de sentidos); Boxe biográfico (Caricatura com vida e obra dos autores); Fique ligado (Indicação de livros, filmes, sites); Conexões (Relaciona os capítulos); Panorama (Visão geral do conteúdo); Palavras na lupa (Atividades de aprofundamento do tema); Passos largos (Retoma os conteúdos); Glossário (Sentido das palavras); Produção de textos (Orais e escritos); Boxes conceituais (Definições e explicações); Boxes informativos (Extras e curiosidades), num total de (432) quatrocentas e trinta e duas páginas. Em anexo, encontram-se todas as figuras que correspondem à Capa e ao sumário do Livro Didático.

Desse modo, a partir dessa visão geral do livro didático apresentada acima, passamos a tecer argumentos sobre a importância no mesmo como um recurso pedagógico que direciona o professor de qual modo e de como um conteúdo específico pode ser aprendido e apreendido pelos alunos. No processo de ensino aprendizagem, ele auxilia os alunos, favorecendo a aquisição do conhecimento. O Livro Didático é muito importante, pois deve abordar conteúdos que façam o aluno pensar, refletir e compreender o que está sendo proposto, fazendo com que ele queira construir e apropriar-se do conhecimento. E, esse conhecimento é

o meio pelo qual o aluno se torna conhecedor das suas atribuições e responsabilidades na sociedade, sendo aquele que busca e atua na e para a progressão de todos.

Diante da importância que o Livro Didático apresentada, vale destacar que o mesmo deve contar com a parceria de uma base, um documento norteador, que traga orientações para um ensino de qualidade. Aqui, apresentamos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), 2017 – entendida como um meio que auxilia professores e alunos no processo e ensino e aprendizagem), sendo de grande valor, pois permite o trabalho com o desenvolvimento de habilidades em detrimento da simples memorização de conteúdos. A Base tem grandes impactos na educação brasileira, principalmente na mudança que gera da concepção de escola como detentora e transmissora do conteúdo. Com o documento, a instituição de ensino passa a ser mediadora do processo de ensino aprendizagem, propondo uma formação completa, integral e contextualizada aos estudantes do Ensino Médio.

Retomando o que já fora dito acima, fizemos a descrição e análise sucinta dos 3 (três) conteúdos do livro já referenciados e escolhidos por fazerem parte da pesquisa e por que descrevem o que buscamos neste trabalho. Na sequência, faremos a exposição de algumas atividades destacadas do próprio Livro Didático. Logo após, apresentamos e formulamos uma proposta de trabalho com as referidas atividades, que, por sua vez, ajudarão numa melhor compreensão dos conteúdos expostos.

Depois dessa introdução geral, iniciamos a descrição minuciosa dos capítulos previamente escolhidos para a nossa abordagem:

O primeiro capítulo a ser apreciado corresponde ao oitavo na disposição do livro em estudo, é intitulado “**A Origem da Língua Portuguesa**” nos possibilita fazer uma leitura mínima sobre a origem, a formação e a expansão da língua portuguesa, além de analisarmos as noções de latim clássico, latim vulgar, romanização, galego-português e indo-europeu etc. Ou seja, há poucas informações, atividades que não permitem que os alunos pensem, pois as respostas encontram-se muito fácil na própria pergunta, por exemplo.

Mas, antes de iniciar o estudo do capítulo, as autoras nos propõem uma discussão a respeito das sensações e reflexões que as epígrafes nos provocam. Eis as epígrafes e seus autores:

“Última flor do Lácio, inculta e bela, És, a um tempo, esplendor e sepultura” – Epígrafe extraída do poema “Língua Portuguesa” de Olavo Bilac;

“Esta última língua é como um elástico que espicharam pelo mundo.” – extraída do poema “Língua” de Gilberto Mendonça Teles.

Aqui, compreendemos que os dois primeiros versos do poema “Língua Portuguesa” de Olavo Bilac destacam que a Língua Portuguesa foi a última língua neolatina formada a partir do Latim Vulgar – falada pelos soldados vindos da região italiana do Lácio. O segundo verso apresenta um paradoxo: esplendor é uma referência à nova língua (a Língua Portuguesa) como continuidade do latim como língua viva, em uso pelos falantes porque, à medida que a Língua Portuguesa foi se expandindo, o latim foi ficando em desuso. E esse desuso significou transformação. Já os versos do poeta goiano Gilberto Mendonça Teles (versos iniciais do poema “Língua”) fazem referência ao dinamismo e à expansão do português, por meio da metáfora “elástico que espicharam pelo mundo”.

Depois, elas instigam os conhecimentos prévios dos alunos por meio de alguns questionamentos, entre os quais citamos: O que é latim vulgar? O que é latim clássico? De qual deles se originou a língua portuguesa? O que são línguas românicas? Qual a relação entre o português, o espanhol, o francês, o italiano e o romeno? Todas proporcionam o aprimoramento dos conhecimentos.

Sequenciando a descrição, as autoras nos apresentam um trecho de um texto de divulgação científica do linguista brasileiro Marcos Bagno intitulado “*Do latim vulgar ao português não padrão*” que nos permite conhecer um pouco sobre o Latim Clássico e Latim Vulgar, e ainda, sobre as línguas românicas, entre as quais, citamos o português. Vale destacar que, pelo fato de ser um texto bem resumido, não nos possibilita uma compreensão mais ampla sobre o assunto em estudo. Eis o texto:

Quadro 3 - Do latim vulgar ao português não padrão

Marcos Bagno

[...] Depois que as legiões romanas conquistavam um território, ele recebia o nome de *província*. Para essa província eram enviados muitos cidadãos romanos: pequenos funcionários públicos, soldados, agricultores, comerciantes, artesãos... enfim, gente do povo que ia colonizar as novas terras conquistadas para o Império. Ora, essa gente do povo não falava o *latim clássico*, o latim dos grandes oradores, dos poetas e dos filósofos, de Cícero, Horácio, Virgílio, Sêneca... Nada disso. Falava, sim, um latim simplificado, com regras mais flexíveis, mais práticas que as do latim clássico. Esse latim do povo recebeu o nome de *latim vulgar*. Foi esse latim vulgar que os habitantes originais das províncias conquistadas aprenderam, pois seu contato era muito maior com os romanos simples do que com as camadas mais altas do Império. E foi desse latim vulgar que surgiram, com o passar do tempo, todas as línguas chamadas *românicas*, entre as quais o português.



Um romano de alta linhagem certamente achava que o latim vulgar era “latim falado errado”, exatamente o que muitas pessoas pensam do português não padrão. No entanto, se desse “latim errado”, desse “latim em pó” (como disse Caetano Veloso numa canção sobre a língua portuguesa) surgiram línguas que se tornaram tão importantes na história da humanidade, línguas em que foram produzidas obras-primas inigualáveis da literatura mundial, como *Os Lusíadas*, o [*Dom*] *Quixote*, a *Divina comédia*, é provável que, daqui a alguns séculos, o português não padrão brasileiro também venha a ter uma importância tão grande que nada mais o poderá reprimir.

[...]

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália – novela sociolinguística*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 41.

Fonte: SETTE *et al* (2016, p. 77).

Ainda no capítulo 8, as autoras nos mostram um panorama, um texto mais compacto intitulado “Língua portuguesa: origem, domínio, expansão” nos informando sobre a Península Ibérica que compreende atualmente os territórios de Portugal e Espanha; o processo de romanização, a evolução do latim (modificações com o passar do tempo), os domínios da língua portuguesa (países falantes da Língua Portuguesa: Angola, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Cabo Verde, Brasil etc.) e o Indo-europeu: que foi falada há mais de 4 mil anos. Tudo isso contribuiu para a formação da Língua Portuguesa brasileira.

Portanto, diante do que vimos acima, podemos ressaltar que o livro didático ainda apresenta lacunas, conteúdos muito resumidos. Por mais que o mesmo apresente conteúdos que são extremamente importantes, o mesmo precisa ser melhorado, ou seja, há a necessidade de informações mais convincentes sobre a história da língua Latina, no tocante aos aspectos lexicais para que o aprendizado realmente aconteça, se concretize eficazmente

O segundo capítulo a ser apreciado corresponde ao décimo sétimo na disposição do livro em estudo, é intitulado “**Variedades linguísticas**”, propondo uma discussão sobre os versos “[...] *Para telha dizem teia / Para telhado dizem teiado / E vão fazendo telhados.*” de Oswald de Andrade, que permitem várias leituras. As autoras nos dizem que o referido conteúdo pode ser trabalhado interdisciplinarmente com as disciplinas: Sociologia (as relações sociais entre os falantes), Geografia (localização) e História (fatos históricos), que podem deixar a aula mais dinâmica, produtiva. Isso implica dizer que o conteúdo pode ser desenvolvido juntamente com as áreas humanas promovendo o conhecimento, porém, precisa ser ampliado, melhor estruturado para que esse conhecimento se aprimore.

Por meio dos versos citados pelas autoras, podemos fazer a seguinte constatação: o eu lírico parece valorizar a identidade sociolinguística e o trabalho do povo, ele questiona se aqueles que usam a norma-padrão teriam habilidade de construir telhados, defende que, a variedade usada pode ser compreendida, deve ser aceita e respeitada, leva o leitor a refletir que a língua utilizada pelo falante que tem prestígio social é valorizada em detrimento da língua do falante sem prestígio social, entre outras possibilidades.

Na seção “Na bagagem”, que é comum aos 3 (três) capítulos, nos são apresentadas pelas autoras uma série de questionamentos que são utilizados para extrair os conhecimentos que são intrínsecos aos seres em formação, ou seja, o que eles já trazem consigo na sua trajetória estudantil, os conhecimentos prévios em relação ao conteúdo em estudo. Nessa seção, encontram-se as seguintes indagações: É comum ouvirmos que no Brasil se fala uma mesma língua de norte a sul do país. Você concorda? Por quê? Que línguas e dialetos contribuíram para a formação da língua que falamos hoje? A língua portuguesa de Portugal é a mesma língua portuguesa do Brasil? Podemos afirmar que falamos uma “língua brasileira”? Moradores de áreas urbanas e rurais falam do mesmo modo? Médicos, professores, crianças, roqueiros, surfistas, trabalhadores rurais e profissionais de outras áreas usam a mesma variedade linguística?

Na sequência, para melhor esclarecer ou ajudar na resolução das indagações anteriores, as autoras apresentam um trecho de “*A língua de Eulália*”, “*novela sociolinguística*” de Marcos Bagno (2001) que se encontra em anexo. Eis um pequeno recorte dessa novela extraído do Livro Didático:

Que língua é essa?

O mito e a realidade; o errado e o diferente; o eu e o outro

O mito da língua única

À noite, como ficou combinado, reúnem-se todas na sala grande da lareira, devidamente acesa. Diante do fogo há um largo tapete felpudo sobre o qual foram espalhadas algumas almofadas grandes e macias. No centro, uma mesinha baixa com um bule de chá, outro de chocolate, canecas de louça branca, um prato com biscoitinhos, outro com um apetitoso bolo inglês. [...]

– E então, essa aula começa ou não começa? – pergunta Sílvia, tornando a encher a xícara de chocolate.

– Aula? – surpreende-se Irene. – Eu tinha pensado só num bate-papo, nada de muito sério... Afinal, estamos todas de férias, não é? – e pisca um olho para a sobrinha.

– Mas bater papo com alguém que sabe a *Divina comédia* de cor vale por uma aula... – diz Emília. Sorriso geral.

– Já que você insiste, vamos começar – diz Irene. – E quero começar pedindo a vocês que me respondam: “Quantas línguas se fala no Brasil?”.

Silêncio. As três, tímidas, não ousam arriscar uma resposta. Emília cutuca Vera com o cotovelo e diz:

– Vera, você faz Letras: é obrigada a saber a resposta...

Vera, assim convocada em seus brios acadêmicos, pigarreia e diz:

– Bom, o que a gente aprende na escola, desde pequena, é que no Brasil só se fala português.

– Isso mesmo – confirma Sílvia. – No Brasil a gente fala português de Norte a Sul.

Irene escuta com atenção. Depois começa a falar:

– É bem a resposta que eu esperava. E não havia por que ser diferente. Meninas, na tradição de ensino da língua portuguesa no Brasil existe um mito que há muito tempo vem causando um sério estrago na nossa educação.

– Que mito é esse, tia?

– É o mito da *unidade linguística do Brasil*.

As três moças se entreolham, surpresas. Irene prossegue:

– O mito da unidade linguística do Brasil pode ser resumido na resposta que a Vera e a Sílvia me deram agora há pouco: “*No Brasil só se fala uma língua, o português*”. Um mito, entre outras definições possíveis, é uma *ideia falsa, sem correspondente na realidade*.

– Quer dizer que a resposta delas é falsa, mentirosa? – pergunta Emília.

– Exatamente – responde Irene.

– E por quê, tia?

– Primeiro, no Brasil *não se fala uma só língua*.

Existem mais de duzentas línguas ainda faladas em diversos pontos do país pelos sobreviventes das antigas nações indígenas. Além disso, muitas comunidades de imigrantes estrangeiros mantêm viva a língua de seus ancestrais: coreanos, japoneses, alemães, italianos etc.

– Mas os índios são muito poucos e vivem isolados – replica Sílvia.

– É, e as comunidades de imigrantes também são uma minoria dentro do conjunto total da população brasileira – completa Emília.

– A língua mais usada, mais falada, mais escrita é mesmo o português – conclui Vera.

– Pode ser – diz Irene. – Mas mesmo deixando de lado os índios e os imigrantes, nem por isso a gente pode dizer que no Brasil só se fala uma única língua. Talvez vocês se surpreendam com o que vou dizer agora, mas *não existe nenhuma língua que seja uma só*.

– Como assim, Irene? – pergunta Emília, espantada. – Que quer dizer isso? – Isso quer dizer que aquilo que a gente chama, por comodidade, de *português* não é um bloco compacto, sólido e firme, mas sim um conjunto de “coisas” aparentadas entre si, mas com algumas diferenças. Essas “coisas” são chamadas *variedades*.

[...]

Fonte: SETTE *et al.* (2016, p. 205).

Diante do que foi exposto na “novela sociolinguística”, A língua de Eulália, compreendemos que as personagens fictícias expõem conceitos e teorias sobre a língua. Um dos conceitos que nos é apresentado é sobre a norma-padrão que é aquele modelo ideal de língua que deve ser usado pelas autoridades, pelos órgãos oficiais, pelas pessoas cultas, pelos escritores e jornalistas, aquele que deve ser ensinado e aprendido na escola. Vejamos bem, dizemos o seguinte: apresentamos então, aquele modelo que deve ser, não aquilo que necessariamente é empregado pelas pessoas cultas, lembrando que não há uma variedade que

seja superior às outras, ou seja, nenhuma é melhor que a outra e que todas devem ser respeitadas. A questão é a adequação da variedade à situação de uso, isto é, a geografia, a história e o momento.

Enfim, enquanto leitores críticos, constatamos que o capítulo em estudo ainda não nos possibilita ampliar os conhecimentos, mesmo fazendo ligações entre capítulos já estudados, como é o caso do capítulo 8: “A origem da língua portuguesa” que é mencionado aqui por apresentar questões do léxico, a exemplo da variação histórica e geográfica - as variedades de uma mesma língua. Mesmo assim, o capítulo poderia ser melhor estruturado, poderia ter mais informações para uma aprendizagem mais eficaz. No tocante, o livro poderia trazer conteúdos que contemplassem uma visão mais ampla acerca da origem da língua portuguesa, trazendo detalhes minuciosos dos processos pelos quais a mesma passou até os dias atuais.

O terceiro capítulo a ser apreciado corresponde ao vigésimo na disposição do livro em estudo, é intitulado “**Processos de formação de palavras**” que nos ajudou na compreensão de alguns conceitos, entre os quais temos: radical, vogal temática, tema, afixo, desinência, palavra primitiva, derivada, cognata, nos possibilitou também na compreensão de alguns dos principais processos de formação de palavras no que se refere à derivação, composição, onomatopeia, redução, sigla, empréstimo, gíria, neologismo, além de conhecer as regras para o uso do hífen em palavras compostas e derivadas.

Logo no início do conteúdo gramatical, as autoras nos levam a refletir a respeito de algumas questões inerentes ao tema em estudo, para assim, aguçar a nossa curiosidade, implementar o que já sabemos, trazendo à tona, os nossos conhecimentos prévios. Eis os questionamentos realizados por elas: Você sabe o que é estrangeirismo? E neologismo? Como e por que motivo os neologismos se formam ou são criados? Você conhece algum? Qual? É possível que uma língua se forme sem a incorporação de termos estrangeiros? O uso de palavras estrangeiras é positivo ou negativo para o nosso idioma?

Depois dessa exposição inicial, nos é apresentado pelas autoras um texto e também, na sequência, os principais processos de formação de palavras em Língua Portuguesa que nos ajudarão na reflexão das questões anteriormente lançadas. Então, as autoras nos apresentam um texto em forma de crônica do escritor, jornalista, professor e tradutor Ivan Ângelo:

Quadro 4: “Palavras emprestadas” de Ivan Ângelo

A leitora Mafalda, sob o título “Sugestão de crônica”, mandou-me um *e-mail* protestando contra a invasão de expressões estrangeiras no dia a dia do brasileiro. Enviou até fotos de vitrines dos arredores de sua casa, na região da Rua Oscar Freire. Nas imagens leem-se “*Spring/Summer Collection 2011*”, “*Adidas is all in*” e, numa vitrine ainda tapada, “*See you soon*”.

Visionária, a leitora sonhava que eu pudesse contribuir para “mudar o uso do inglês nas ruas”, motivar algum político “a comprar essa briga”, lembrava o fracasso recente de Aldo Rebelo e dizia ser aquela uma questão de patriotismo.

“Não acha?” acho, leitora, leitores. Com jeito, vou tentar explicar.

Quando me alfabetizei, em 1943, havia cerca de 40 000 palavras dicionarizadas no português, segundo Domicio Proença Filho, da Academia Brasileira de Letras. Hoje, são mais de 400 000; alguns filólogos estimam em 600 000. Ora, leitora, de onde brotaram tantas palavras? Dos novos hábitos da população, das inovações tecnológicas, das migrações, das gírias, dos estrangeirismos.

Já vê, cara Mafalda, que a consequência dos estrangeirismos não é o empobrecimento da língua, e sim o enriquecimento. Nós nos irritamos com os abusos, sim, como acontece com qualquer abuso.

A questão do estrangeirismo se aclara com a pergunta: com quem a pessoa quer se comunicar? Se usa palavras que muitas pessoas não entendem, não vai se comunicar com elas. Mesmo usando só o português. No caso das frases em inglês na Rua Oscar Freire, aqueles comerciantes não estão querendo se comunicar com quem não as entende. Fazendo um paralelo meio absurdo: aqueles rabiscos dos pichadores, quem entende? Eles. É coisa deles para eles.

Há quem use a expressão estrangeira por pedantismo, quando há termo equivalente brasileiro. Mas por que tentar impedir alguém de ser pedante? É um direito dele. Há quem use por ser um modismo, mas por que ir contra a moda? Ela passa.

Na maioria dos casos, usa-se o estrangeirismo por necessidade. Há palavras estrangeiras inevitáveis, porque designam coisas novas com mais exatidão e rapidez: *air bag*, *shopping center*, *e-mail*, *flash*, *paparazzi*, *smoking*, *slide*, *outdoor*, *jazz*, *rock*, *funk*, *marketing*, *stand-by*, *chip*, *overdose*, *replay*, *videogame*, *piercing*, *rush*, *checkup*, *blush*, *fashion* – e milhares de outras.

Havia inevitáveis que acabaram se adaptando. Já tivemos *goal-keeper* (goleiro), *goal* (gol; o Estádio escrevia “*goal*” até os anos 1960), *offside* (impedimento, impedido), *corner* (escanteio), *volleyball* (voleibol, vôlei), *basketball* (basquete), *surf* (surfe) – e tantas outras.

Centenas delas ficaram bem à vontade quando aportuguesadas: uísque, gol, futebol, lanchonete, drinque, iogurte, chique, conhaque, cachê, omelete, bife, toaleta, clube, gangue, ringue, garçom, lorde, pickles, filme, time, sanduíche, cachorro-quente, lanche, avião, televisão – e por aí vai.

Muitas ficaram bem bacaninhas no nosso dia a dia, mesmo usadas do jeito que chegaram: *gay*, *jeans*, *pizza*, *show*, *shopping*, *tour*, *ciao*, *topless*, manicure, vitrine... Um grande número delas é dispensável, entra na conta dos pedantes, pois para dizer o que elas querem dizer temos boas palavras nossas de uso corrente: *sale*, *off*, *hair dresser*, *sub*, *personal trainer*, *laundry*, *pet shop*, *fast-food*, *ice*, *freezer*, *prêt-à-porter*, *on-line*, *mailing list*, *bullying*...

A leitora lembra o deputado Aldo Rebelo e sua tentativa fracassada de botar o assunto dentro de uma lei. Não dá certo, amiga. Já houve outros. O mais ridicularizado foi o latinista e filólogo carioca Antonio de Castro Lopes, figura da passagem do século XIX para o XX. Na época dele, era da França que vinham os modos, as modas e as palavras que copiávamos. Machado de Assis foi um dos que o ironizaram, numa crônica de 1889. Caiu no ridículo sua tentativa de transformar *football* em balipodo, *abat-jour* em lucivelo, piquenique em convescote, *chauffeur* em cinesíforo... – palavras que acabaram aportuguesadas pelo som, felizmente.

O povo falante há de peneirar o que merecer permanência.

ÂNGELO, Ivan. Revista *Veja*. São Paulo: Abril, 25 maio 2011. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/material/palavras-emprestadas>. Acesso em: 30 nov 2015.

Fonte: SETTE et al (2016, p. 226-227).

Por meio dessa crônica, Ivan Ângelo nos permitiu compreender sobre alguns usos de termos estrangeiros em nossa língua. Significa dizer que, a incorporação de palavras de outro idioma à língua acontece de forma natural e não pode ser regulada por meio de leis, de decretos ou mesmo da emissão de opiniões de especialistas sobre o assunto, ou seja, devemos respeitar, pois os estrangeirismos são usados por necessidade, quando não há um vocábulo equivalente na língua. Essa incorporação faz parte desse processo de evolução de uma língua

em que os falantes, o povo, deve fazer o uso ou não, peneirando o que merece ser incorporado à língua ou até mesmo, sendo aportuguesado. São exemplos de palavras desse tipo: “breque (do inglês break), abajur (do francês abat-jour), salsicha (do italiano salsiccia), déficit (do latim déficit), quimono (do japonês kimono) e marajá (do sânscrito maharaja), entre muitos outros” (Sette *at al* 2016, p. 229).

Após essa explanação, as autoras nos mostram um panorama com os conceitos, regras e exemplos sobre alguns processos de formação de palavras, suas estruturas que facilitam à aprendizagem dos alunos. Como recorte do conteúdo em questão, apresentamos os seguintes trechos conforme as autoras nos apresentam:

Processos de formação de palavras

A origem de nossa língua: o latim falado pelos romanos e modificado ao longo do tempo. Mas, muitas palavras que fazem parte da língua portuguesa têm outra origem: foram “importadas” de línguas como o francês, o inglês, o grego, as línguas indígenas e as africanas etc. Outras são formadas na própria língua, por processos de formação vernácula ou de formação de palavras.

Nesse contexto, as palavras podem ser classificadas como primitivas ou derivadas:

Palavras primitivas são aquelas que dão origem a outras.

Palavras derivadas são as que se originam de outras.

Exemplos:

pedra → pedraria

pedra → palavra primitiva

pedraria → palavra derivada

Estrutura das palavras

Para conhecer o processo de formação de palavras, é importante saber o nome dos elementos formadores de vocábulos: radical, vogal temática, tema, afixos (prefixo e sufixo), desinências, interfixos. Vamos a eles.

• O **radical** é o elemento que contém o significado comum a um grupo de palavras da mesma família. Leia estes exemplos:

estudante estudado estudador estudantil estudioso estudo

O radical dessas palavras é **stud-**.

Estas outras palavras têm o mesmo radical grego: -pole = -polis:

Acrópole megalópole Florianópolis metrópole

• A **vogal temática** é a que vem logo depois do radical:

roupa radical (R) → roup- vogal temática (VT) → a

leve radical (R) → lev- vogal temática (VT) → e

rosto radical (R) → rost- vogal temática (VT) → o

• O tema é o radical acrescido da vogal temática:

roupa leve rosto

• O **afixo** é o elemento que se coloca antes ou depois de uma palavra para formar uma nova palavra. Os afixos são classificados em prefixos e sufixos. Prefixo é o afixo colocado antes do radical de uma palavra. Sufixo é o afixo colocado após o radical de uma palavra. Leia este exemplo de palavra que contém ambos os afixos:

infelizmente

in- → prefixo

feliz → radical

-mente → sufixo

• A **desinência** é o elemento que se acrescenta aos nomes e aos verbos. Pode ser:

• **nominal**: marca o gênero e o número em substantivos, adjetivos, numerais e pronomes:

garoto/garota → desinência de gênero (feminino) → a

garoto/garotos → desinência de número (plural) → s

• **verbal**: marca, nas formas verbais, o número (singular ou plural), a pessoa (primeira, segunda ou terceira), o modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo), o tempo (modalidades do presente, do pretérito e do futuro).

Veja, por exemplo, o esquema da forma verbal amávamos.

radical am vogal temática á desinência modo-temporal va desinência número-pessoal mos

• O **interfixo** é o elemento que se coloca entre o radical e o sufixo para facilitar a pronúncia. Os interfixos podem ser vogais de ligação, como o -ô- em *gasômetro* (gás + metro), ou consoantes de ligação, como o -z- em *pezinho* (pé + -inho).

Palavras cognatas

As palavras cognatas apresentam o mesmo radical e, por isso, diz-se que pertencem à mesma família etimológica. Exemplos:

desejar (verbo)

indesejável (adjetivo)

desejo (substantivo)

Além dessas informações expostas no Livro Didático, as autoras nos apresentam outros processos de formação de palavras: derivação, composição, onomatopeia, redução ou abreviação, siglas, empréstimos, gírias, neologismos, os casos do hífen: onde não se usa, alguns casos particulares etc. Vale destacar que são informações essenciais para que possamos compreender como as palavras são formadas, porém, encontram-se bem resumidas. Com isso, percebemos a tamanha importância que o Livro Didático tem em sala de aula. É um dos meios que favorecem a aquisição dos conhecimentos, se for bem utilizado.

Em relação ao assunto desenvolvido no livro, podemos constatar que o mesmo é insuficiente em alguns aspectos, ou seja, há necessidade de contextualizar melhor, trazer mais exemplos, imagens, mais atividades instigadoras que façam com que os alunos se interessem pelo conteúdo que estão estudando.

Então, resumidamente, observa-se que o livro didático, em partes, apresenta em seus conteúdos algumas abordagens, alguns aspectos da língua que nos auxiliam no desenvolvimento da aprendizagem. Por outro lado, as autoras poderiam ter melhor desenvolvido os conteúdos com textos mais amplos, atividades mais instigadoras e reflexivas para que os alunos pudessem aprender e apreender com eficácia os conteúdos propostos para o estudo.

A seguir, fizemos a exposição de atividades propostas pelas autoras do livro didático e na sequência, apresentamos novas possibilidades para melhor trabalhá-las, facilitando assim, a compreensão dos conteúdos.

4.1 Exposição de atividades propostas no Livro Didático e possibilidades para melhor trabalhá-las em sala de aula

De acordo com o Livro Didático Português: Trilhas e Tramas, volume 1, segunda edição, editora Leya, São Paulo, 2016, destinado ao 1º (primeiro) ano do Ensino Médio, manual do professor, seguimos a sequência que nos foi apresentada pelas autoras Maria das Graças Leão Sette *et al.*, onde neste quesito serão expostas algumas atividades elaboradas por elas para serem desenvolvidas em sala, com o objetivo de melhorar o processo de ensino aprendizagem, contribuindo para a construção dos conhecimentos dos alunos. Vale ressaltar que essas atividades apresentadas do livro podem ser adaptadas/melhoradas de acordo com a clientela, ou seja, conforme a necessidade dos alunos, sujeitos em formação, em transformação, isto é, enquanto professores podemos transformar as atividades sugeridas, fazendo ajustes para uma melhor compreensão e conseqüentemente, a construção dos saberes.

Na sequência, expomos novas possibilidades para melhor trabalharmos as atividades, promovendo a construção dos conhecimentos, ou seja, uma melhor compreensão dos conteúdos. Além disso, fizemos breves crítica a respeito das atividades propostas por Sette *et al.* (2016).

Por isso, conforme (SETTE *et al.*, 2016, p. 78-79), do capítulo 8, intitulado “Origem da língua Portuguesa”, destacamos a atividade 1:

1ª ATIVIDADE

Responda o que segue.

1. A maioria dos vocábulos da língua portuguesa é formada por modificações do latim falado pelo povo. Outros, em número menor, são modificações do latim erudito, falado pelos políticos, juristas etc. Veja, a seguir, exemplos de vocábulos de formação popular e de vocábulos de formação erudita:

<u>Latim</u>	<u>Português</u>	
	<u>Formação popular</u>	<u>Formação erudita</u>
<i>Coagulare</i>	Coalhar	Coagular
<i>Auscultare</i>	Escutar	Auscultar
<i>Obscuro</i>	Escuro	Obscuro

Distinga, entre os pares de palavras da língua portuguesa mostrados no quadro abaixo, a forma vulgar (ou popular) da forma erudita. Consulte um dicionário, se necessário.

Neste 1º exercício, observamos algo mecânico de identificação, ou seja, apenas pede para os alunos identificarem ou distinguirem a forma vulgar ou erudita dos pares de palavras. Isso implica dizer que, esse exercício não possibilita os alunos pensarem, refletirem sobre os processos os quais constituem a formação popular e erudita das palavras destacadas.

<u>Latim</u>	<u>Português</u>
<i>Macula</i>	mácula – mancha
<i>Eclesia</i>	igreja – eclesiástico

RESPOSTA: Forma vulgar ou popular: mancha, igreja, vidro, espelho, outro. Forma erudita: mácula, eclesiástico, vitral, especular.

2. De acordo com o texto de Marcos Bagno, pode-se afirmar que o português é uma língua totalmente distinta do latim? Justifique sua resposta.

RESPOSTA: Não. O português se origina de uma das variedades do latim, que veio se modificando – O latim vulgar.

3. De acordo com o que você aprendeu, separe as alternativas falsas das verdadeiras.

- a) As línguas românicas entre elas o português, formaram-se a partir do latim clássico.
- b) A língua portuguesa é uma continuidade linguística do latim.
- c) A língua portuguesa é uma variedade geográfica do latim.
- d) A língua portuguesa não contém elementos do latim clássico.

RESPOSTAS: a) F; b) V; c) V; d) F.

Aqui, apenas nos é apresentado um exercício de classificação. Dizer se é verdadeiro ou falso é muito falso, não é mesmo? Seria interessante se as autoras tivessem pedido que, ao identificarem as sentenças verdadeiras ou falsas, os alunos pudessem justificar o motivo da escolha, tecer comentários a respeito de cada item demonstrando conhecimento de causa sobre o assunto estudado.

Por isso, como possibilidades ou alternativas para melhor trabalhar a atividade acima, o próprio conteúdo, apresentamos:

Na Questão 1, podemos fazer uma pesquisa sobre o contexto histórico da língua portuguesa (reflexão sobre a origem, formação e expansão), depois, os alunos devem elaborar uma lista com os vocábulos de formação popular (ou vulgar –falados pelo povo) e os vocábulos de formação erudita (falados pelos políticos, juristas) para compreenderem o sentido e sua origem. Também, dando sequência, na Questão 2, de acordo com o texto de Marcos Bagno – encontrado no Livro Didático, pode-se refletir que o português não é uma língua totalmente distinta do latim, porque se origina de uma das variedades do mesmo, que veio se modificando – O Latim Vulgar. Ainda, nessa atividade, podemos falar sobre a formação das línguas românicas, também da Língua Portuguesa como uma continuidade linguística do latim, contendo elementos do Latim Clássico, na questão 3.

Outra forma de se trabalhar o conteúdo acima, seria, de início, fazer uma sondagem (conhecimentos prévios), uma reflexão sobre o que seria um vocábulo popular, um vocábulo erudito, uma língua, um idioma, para depois, com o auxílio de slides, estudar toda a história da Língua Portuguesa, para na sequência, imbuídos dos conhecimentos, resolver a atividade proposta. Ainda, antes da exposição do conteúdo, pode-se questionar aos alunos: Como seria se toda a humanidade falasse apenas uma única língua? E se cada estado brasileiro falasse uma “língua diferente”, como seria?

Do capítulo 17, intitulado “Variedades linguísticas”, destacamos a atividade 2, conforme (SETTE *et al.*, 2016, p. 210-211):

2ª ATIVIDADE:

Com base nas informações e nos conceitos aprendidos em aulas anteriores, identifique o tipo de variação linguística ilustrado por cada um dos textos a seguir. Registre suas respostas.

A) **Figura 1** - Tirinhas sobre variedades linguísticas



Fonte: Adão (2002 *apud* SETTE *et al.*, 2016, p. 211).

B) Ao promover um jovem à posição de liderança, 67% dos profissionais de RH creem que as empresas devem investir em qualificação comportamental e coaching. Eles defenderam também as práticas de monitoramento e avaliação de desempenho dos novatos (13%) e a criação de planos de carreira personalizados (11%)¹⁷.

¹⁷ Revista digital Exame. com, São Paulo, Abril, 26 set. 2012. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/carreira/noticia/rhs-querem-acelerar-a-carreira-dos-mais-jovens>. Acesso em: 26 nov. 2015.

C) Trezentas onças

– Eu tropeava, nesse tempo. Duma feita que viajava de escoteiro, com a guaiaca empanzinada de onças de ouro, vim parar aqui neste mesmo passo, por me ficar mais perto da estância da Coronilha, onde devia pousar. Parece que foi ontem!... Era por fevereiro; eu vinha abombado da troteada.

– Olhe, ali, na restinga, à sombra daquela mesma reboleira de mato, que está nos vendo, na beira do passo, desencilhei; e, estendido nos pelegos, a cabeça no lombilho, com o chapéu sobre os olhos, fiz uma sesteada morruda. [...] ¹⁸

RESPOSTAS: a) Variação social por conta de faixa etária (jovens, adolescentes, roqueiros). b) Variação social por conta da profissão (jargão de economia/administração de empresas.) c) Variação regional (Rio Grande do Sul).

Depreendem-se que a língua de um povo varia de um lugar para o outro, ou seja, conforme a necessidade dos falantes acontecem as mais variadas modificações, adequação da mesma em relação à localização geográfica, a história desse povo, faixas etárias, profissões, estilos de vida etc. Então, com relação a essa variação linguística, poderíamos reformular os textos para que sejam mais típicos à nossa situação, ou seja, envolver ou englobar a variação regional mais recorrente em sala de aula, observando o público de cada realidade – quem mora na cidade, quem mora na zona rural ou em outras localidades circunvizinhas. Além disso, podemos englobar a variação de registros, ou seja, as formas e expressões dos alunos nas suas diferenças e semelhanças.

Em seguida, depois da reflexão feita sobre exercício acima, apresentamos as alternativas para desenvolvermos eficazmente as questões e conteúdo mostrados anteriormente. Como propostas, temos: Inicialmente, seria interessante que os alunos elaborassem um esquema com as principais informações do texto encontrado no livro didático referente ao tema em estudo. Mas, antes da produção do esquema, os alunos precisam ser esclarecidos sobre o que é um esquema e como fazê-lo. Fazer um esquema (representação gráfica de um assunto ou matéria de forma simples e organizada) é uma importante estratégia de leitura de estudo, pois permite uma compreensão rápida, objetiva e clara do conteúdo. O professor expõe as partes de um esquema, na sequência, depois de compartilhadas todas as informações com os alunos, pede que os mesmos façam um esquema das principais informações contidas no texto para facilitar na compreensão. Depois dessa fase, já com o esquema pronto, dar-se início à exposição do conteúdo (o aluno deve ler o seu esquema e

¹⁸ LOPES NETO, Simões. Contos gauchescos & lendas do sul. Rio Grande do Sul: L&PM Pocket, v. 102, 1998. p. 16.

analisar se as ideias principais apresentadas podem ser compreendidas por um leitor que não tenha lido o texto original) e resolução da atividade proposta no Livro Didático. Outra forma de exposição do assunto seria dividi-lo em partes. Cada parte ficaria com um grupo de alunos que fariam a apresentação (seminário: slides com o conteúdo, imagens etc.) – interação alunos e professor.

Em relação ao capítulo 20, intitulado “Processos de formação de palavras”, destacamos a seguinte atividade conforme (SETTE *et al.*, 2016, p. 236-238):

3ª ATIVIDADE:

Leia este cartaz criado para uma campanha do Ministério do Trabalho, que circulou nas redes sociais em 2015:

Figura 2 - Tipo de Neologismo



Fonte: Sette *et al.* (2016, p. 236).

a) Leia esta definição:

Deboísmo é um neologismo que designa uma pretensa corrente filosófica surgida na internet e que tem como princípio básico viver “de boa” com a vida. Essa corrente foi criada por um casal do estado de Goiânia, Carlos Alberto e Laryssa de Freitas. Eles estavam incomodados com as constantes brigas e desentendimentos nas redes sociais e resolveram incentivar o respeito e a calma nas interações virtuais por meio de uma página em uma rede social.

A palavra **deboísmo** foi criada com base na expressão **ficar de boa**. O que essa expressão significa? Explique qual foi o processo de formação da palavra **deboísmo**.

RESPOSTAS: Significa ficar tranquilo, sem se preocupar. Seu processo de formação é Derivação sufixal: de boa + -ismo > deboísmo.

É-nos apresentado aqui, um exercício que promove apenas a identificação de informações contidas no texto. Isto é, se a resposta já está contida no texto, limitará na capacidade criadora do aluno. Eis mais uma questão mecânica que não contribui na formação do aluno. Tal questão não permite que o aluno se posicione ou diga ao menos se já conhecia o termo, em quais contextos acham que devem ser utilizado etc.

2. Quais das palavras a seguir foram formadas por composição? Registre-as.

felicidade	infelicitar	tranquilamente
lobisomem	corre-corre	pé de moleque
apedrejar	vinicultura	porta-aviões

RESPOSTA: lobisomem, vinicultura, corre-corre, porta-aviões, pé de moleque.

Temos aqui mais uma questão limitada à pura e simples identificação e transcrição. O aluno não é levado a pensar sobre a utilização ou a algo mais abrangente que promova a construção crítica do mesmo. O professor deve ter um olhar mais atento quando elabora as questões para levá-las para sala de aula, deve fazer os alunos pensarem de forma crítica e autônoma para a sua melhoria e de outrem.

3. Leia o trecho:

Se a essência de Andréa Beltrão pudesse ser colocada num vidro de perfume, ela levaria o nome de *Mulheríssima*. E o *slogan* deste perfume fictício seria assim: “Mulheríssima é o perfume da mulher que tem de trabalhar e ver se a geladeira está equipada, ou seja, todas as mulheres do mundo.”¹⁹

a) Explique o processo de formação da palavra *mulheríssima*.

RESPOSTA: É um neologismo formado pelo substantivo *mulher* + sufixo – *íssima*.

b) Qual é o sentido do neologismo *mulheríssima*, nesse contexto?

RESPOSTA: Refere-se à mulher que tem dupla ou até tripla jornada de trabalho: atividade profissional fora de casa, trabalho em casa como mãe, dona de casa etc.

Observamos que a letra b já apresenta a resposta para a letra anterior e assim como outras questões já expostas, não permite que os alunos agucem sua curiosidade para desvendarem as possibilidades de resolverem o que as autoras propuseram. Seria interessante que elas tivessem colocado duas colunas distintas, por exemplo: a 1ª com vários neologismos e a segunda com várias significações para que os alunos pudessem conectá-los. Mas, antes de conectá-los pudessem fazer uma pesquisa sobre o tema em análise.

¹⁹ LOPES, Juliana. *Mulheríssima*. *Isto É Gente*, São Paulo, Três, n. 251, 31 maio 2004. p. 38.

Destacamos como possibilidade de trabalhar o conteúdo citado, a seguinte maneira: podemos fazer uma revisão do assunto “A origem da língua portuguesa”, para dessa maneira, começarmos nosso estudo sobre a formação das palavras fazendo, de início, uma pesquisa em grupo de todo o processo de formação. Na sequência, cada grupo irá apresentar a sua pesquisa por meio de cartazes. Depois desse momento, o professor conduzirá a aula tirando as dúvidas dos alunos, reforçando na produção do conhecimento.

Após esse momento, o professor apresentará a atividade para a apreciação e resolução por parte da classe. Em seguida, momento de tirar as dúvidas que ainda persistem e fazer a correção da atividade proposta, a exemplo da 1ª questão que aborda o tema neologismo. Aqui, os alunos trabalharão com esse tipo de construção: processo de formação da palavra deboísmo que é um tipo de derivação sufixal, a junção de “de boa” + -ismo = deboísmo. Além disso, pode-se trabalhar o processo de composição, as onomatopeias, as siglas, as gírias etc., que são de máxima importância no processo de formação de palavras.

Outra maneira para desenvolver bem o conteúdo relacionado ao processo de formação de palavras seria pedir para os alunos produzirem um resumo e apresentarem em forma de seminário, da seguinte forma: cada equipe faria o seu resumo e ficaria com um tópico. Assim, todos poderiam aprender o conteúdo por meio da exposição do colega e das discussões geradas no ato da apresentação, mediada pelo professor.

Além de todas as possibilidades acima apresentadas, ainda podemos ministrar o conteúdo da seguinte forma: Em primeiro lugar, o professor deve apresentar os conteúdos de forma breve (principais pontos); Em seguida deve dividir a turma em dois blocos para uma gincana estudantil onde os alunos pesquisarão mais a fundo o conteúdo e seguirão o roteiro pré-estabelecido pelo professor. Um possível roteiro seria este: 1. Exposição do tema (de forma geral); 2. Divisão da turma em dois blocos; 3. Pesquisas; 4. Elaboração de poemas ou poesias relacionadas ao tema (apresentações); 5. Produção de mapa mental (exposição); 6. Jogo de perguntas e respostas sobre o tema em estudo; 7. Avaliação da Gincana (pontos positivos e negativos). Portanto, estas foram algumas possibilidades para que os conteúdos possam ser bem desenvolvidos e o conhecimento possa ser construído eficazmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização desta investigação procuramos contribuir com o estudo dos aspectos históricos da Língua Latina e o ensino de Língua Portuguesa, além de apresentar uma abordagem no livro didático do 1º ano do Ensino Médio, especificamente, sobre o aspecto lexical, tendo como meta, a construção dos conhecimentos em Língua Portuguesa.

Para que esse conhecimento seja verdadeiramente construído entre docente e discente deve haver uma parceria, tornando o processo de ensino aprendizagem mais satisfatório, dinâmico, significativo, de forma que os alunos, sujeitos em transformação, tornem-se pessoas autônomas, críticas e conhecedoras dos seus direitos e deveres e possam atuar e transformar a sociedade onde vive.

Nesta perspectiva, retomando o objetivo geral que nos faz refletir sobre os aspectos históricos da Língua Latina e o ensino de Língua portuguesa e a abordagem no Livro didático, além dos seguintes objetivos específicos: Identificar as principais características do latim clássico e do latim vulgar; Compreender como se deu o processo de expansão do Império Romano; Identificar os processos linguísticos que contribuíram para a formação do português de Portugal e do Brasil; Descrever 3 (três) capítulos do livro didático do 1º ano do Ensino Médio, com atividades propostas por suas autoras; e, expor novas possibilidades para se trabalhar as atividades, proporcionando uma melhor compreensão dos conteúdos.

Constatamos que os objetivos destacados acima foram alcançados, uma vez que proporcionamos o estudo dos fatos históricos da língua desde a sua origem, estudando o latim clássico e vulgar, compreendendo como se deu a expansão marítima do Império Romano, econômica e politicamente e identificamos como foram os processos linguísticos, no tocante aos aspectos do léxico, nos favorecendo numa aprendizagem promissora. Além disso, apresentamos alternativas para melhor desenvolvermos nossas atividades, auxiliando os alunos na construção dos saberes, de forma a compreenderem os processos de mudanças ocorridos com a língua até a contemporaneidade, até porque, essas alternativas são fruto de uma constatação após a abordagem realizada no livro didático, onde o mesmo apresenta algumas lacunas referentes aos aspectos históricos já mencionados, com textos muito curtos, atividades que não permitem que os alunos reflitam, pensem antes de respondê-las, enfim, os conteúdos precisam ser melhor estruturados para que a aprendizagem realmente aconteça.

Também, para que essa aprendizagem seja eficaz, faz-se necessário que o professor de Língua Portuguesa esteja utilizando métodos que possibilitem a participação integral de todos

os alunos e, que estes, possam desenvolver a capacidade de transformar o que foi exposto em sala em um novo conhecimento, uma nova forma de pensar e agir, até porque o processo de ensino aprendizagem da língua deve ser coletivo e compartilhado entre ambos.

Vale ressaltar que o aluno é o sujeito e o construtor da aprendizagem. E, para que os resultados do ensino de Língua Portuguesa aconteçam é preciso que os professores trabalhem a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, daquilo que eles trazem de sua vivência, do seu cotidiano para que possam desenvolver as capacidades e competências no decorrer de sua carreira estudantil.

E, como futuros professores de Língua Portuguesa, devemos ter em mente da importância de inovar as aulas fazendo com que os alunos se interessem, se motivem e queiram construir o conhecimento de forma consciente e que este conhecimento tenha significado, sentido na sua vida. Tudo isso nos faz refletir que os profissionais da educação têm que ter muito amor, vocação no que se refere à arte de ensinar, pois só com muito dinamismo, empenho, dedicação é que podemos ultrapassar os obstáculos, trilhando por caminhos que nos levem ao progresso. Como educadores, precisamos ter um compromisso frente aos nossos alunos, que se dá através da nossa formação e atualização constantes, sempre refletindo a nossa prática pedagógica.

Finalizando esse contexto histórico da Língua Latina de forma bem sucinta, podemos dizer que a mesma está envolvida numa série de mudanças linguísticas e históricas desde a sua origem até a sua implantação no território brasileiro. A língua foi adaptando-se e evoluindo à medida que a sociedade se desenvolvia por meio das interações com os mais distintos povos. Portanto, a imensa importância de se estudar a história da língua para o seu entendimento, já que sua atualidade só existe, devido a uma longa história de transformações, desenvolvimentos e aperfeiçoamentos ao longo do tempo. Através da história, percebe-se o quanto a língua modificou-se conforme era utilizada pela sociedade.

Além do mais, podemos nos certificar que o Livro Didático, o *corpus* utilizado nessa pesquisa, foi extremamente necessário para compreendermos que devemos ir além do que o mesmo nos apresenta, pois ele precisa ser melhorado, precisa proporcionar um melhor desenvolvimento intelectual dos alunos, trazendo-lhes oportunidades de refletirem, de pensarem diante das situações propostas no mesmo e, a partir daí, tornarem-se críticos e atuem conscientemente no meio onde vivem. Também, de forma breve, podemos dizer que este trabalho contribui para que os futuros professores de Língua Portuguesa conheçam e se apropriem da História da Língua Latina e a ensinem aos seus alunos e os ajudem a

compreender todos os processos ocorridos com a mesma desde os tempos remotos até a contemporaneidade. Enfatizamos ainda, a importância de um olhar criterioso sobre abordagens que trazem os livros didáticos. O professor precisa estar preparado para filtrar informações e atividades do livro e criar estratégias de readaptações. Vale lembrar que aqui não se trata de uma pesquisa conclusiva e que outros trabalhos podem ampliar o tema.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Maria Cristina de. ***História da Língua Portuguesa***. João Pessoa: Editora Universitária, 2011. Disponível em: <http://portal.virtual.ufpb.br/bibliotecavirtual/files/historia_da_lingua_portuguesa_136018413.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2019.

BAGNO, Marcos. **GRAMÁTICA HISTÓRICA. Do Latim ao português brasileiro**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: <HTTPS://www.academia.edu/29728732/GRAM%C3%81TICA_HIST%C3%93RICA_do_la_tim_ao_portugu%C3AAs_brasileiro>. Acesso em: 18 nov. 2019.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure: Fundamentos e visão crítica**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

HAUY, Amini Boainain. Séculos XII, XIII e XIV. In: SPINA, Segismundo (Org.). **História da Língua Portuguesa**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

JUNIOR, Juvino Alves Maia. **LATIM: Teoria e Prática nos Cursos Universitários**. 6. ed. Revista e ampliada. Ideia: João Pessoa, 2017.

MACHADO, Antonio Carlos. **Lições Virtuais de latim**. Fortaleza: [s.n.], 2006.

OTHERO, Gabriel de Ávila. **Introdução ao estudo da história da língua portuguesa**. Pará de Minas (MG) Virtual Books Online, 2003. Disponível em: <file:///C:/Users/Familia/Downloads/hIST%C3%93RIA_DA_L%C3%8DNGUA_PORTUGUESA.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2020.

PESSOA DE CASTRO, Y. A matriz africana no português do Brasil. In: CARDOSO, S. A. M. et al. (Org.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2012.

SETTE, Maria das Graças Leão [*et al*]. **Português: Trilhas e Tramas**, v. 1, 2. ed. São Paulo: Leya, 2016.

SILVA, Ana Beatriz de Oliveira. **O conhecimento de história da língua na formação dos professores de língua portuguesa**. Brasília, 2005.

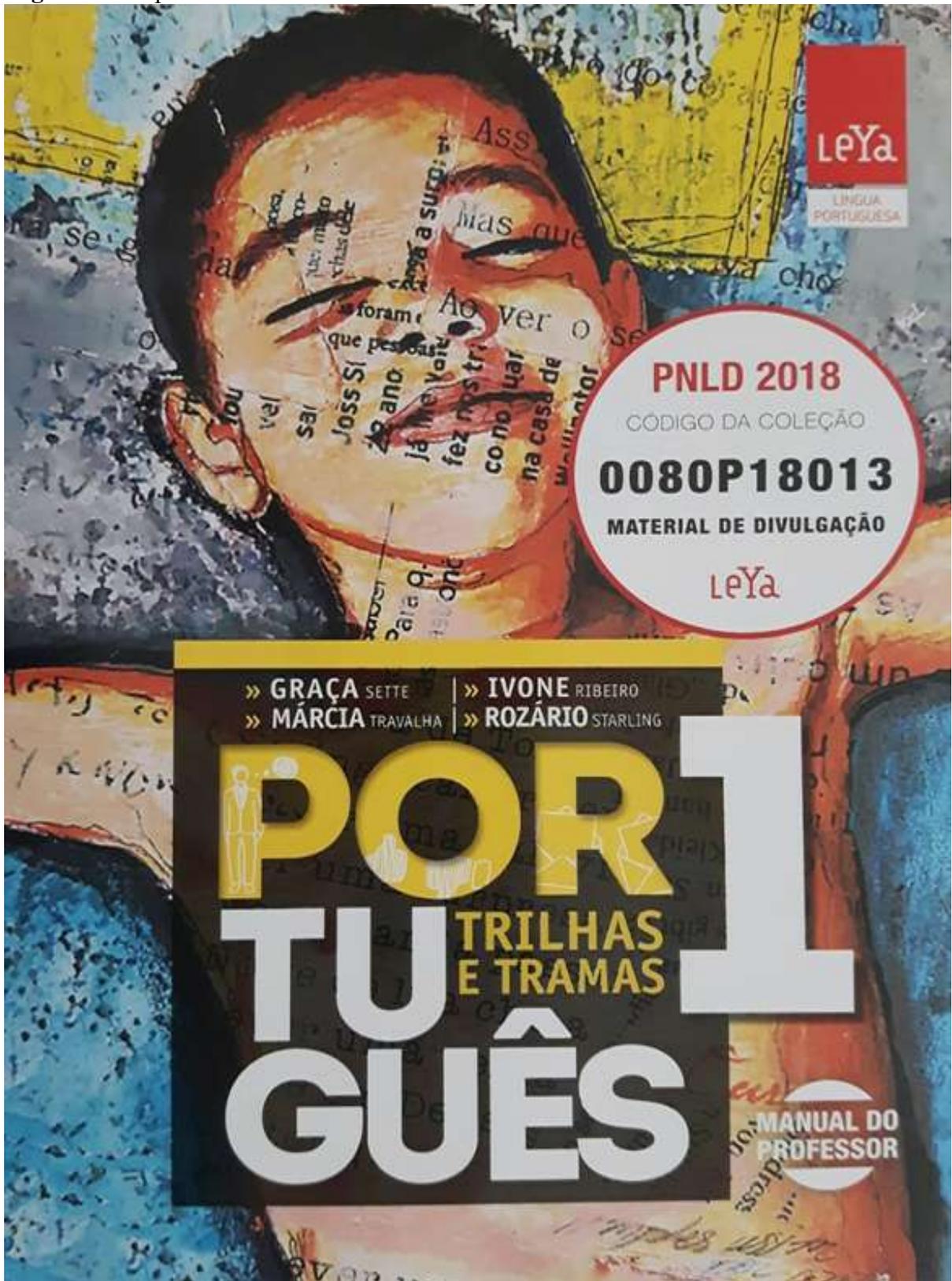
SILVA, Cícera Eliziene Alves da. **O estudo Diacrônico da língua portuguesa: a história em quadrinhos como proposta didática para o ensino fundamental**, Cajazeiras, 2019.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ANEXOS

ANEXO 1:

Figura 14: Capa do Livro Didático



Fonte: Google (2020)¹⁴.

¹⁴ <<http://www.capa+do+livro+portugues+trilhas+e+tramas+1+ano+do+médio>. Acesso em 21 mar 2020.

ANEXO 2: Sumário do Livro Didático

Figura 15 - Do capítulo 1 ao 8

INTEGRANDO LINGUAGENS		14
CAPÍTULO 1 Linguagem, comunicação e interação 16		
Na bagagem	16
Nas trilhas do texto	17
▪ "Exemplos de igualdade, fraternidade e liberdade?", cartum de Lor	17
Panorama	18
▪ Linguagem e interação	18
Passos largos	19
CAPÍTULO 2 Signos, linguagem, língua 23		
Na bagagem	23
Nas trilhas do texto	23
▪ "O corpo fala – demais!", texto de divulgação científica de José Angelo Galarsa	23
Palavras na lupa	26
Panorama	27
▪ Signos, linguagem, língua	27
Passos largos	28
CAPÍTULO 3 Funções da linguagem 31		
Na bagagem	31
Nas trilhas do texto	31
▪ "A felicidade bate à sua porta", poema de Sebastião Nunes	31
Panorama	33
▪ Funções da linguagem	33
Passos largos	34
CAPÍTULO 4 Linguagem figurada 41		
Na bagagem	41
Nas trilhas do texto	41
▪ Tirinha da Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa	41
▪ Verbete do <i>Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa</i>	41
Panorama	42
▪ Sentido referencial e sentido figurado	42
▪ Figuras de linguagem	42
Passos largos	49
CAPÍTULO 5 Gêneros e tipos textuais 53		
Na bagagem	53
Nas trilhas do texto	53
▪ "Flores artificiais", trecho de romance de Luiz Ruffato	53
▪ "Jovem cria projeto de incentivo à leitura no metrô", reportagem da <i>Folha de S. Paulo</i>	55
▪ "Como surgiu a tatuagem?", reportagem da revista <i>Mundo Estranho</i>	57
▪ "Como lidar com a depressão de fim de ano", matéria de Gisela Rao	59
▪ "O volante, o lobo do homem", redação escolar de Taissa Gonçalves Leal	60
Panorama	62
▪ Gêneros e tipos textuais	62
Passos largos	62
CAPÍTULO 6 Textos multimodais 65		
Na bagagem	65
Nas trilhas do texto	65
▪ "Quanto se gasta de água por dia", infográfico da revista <i>Planeta Sustentável</i>	65
▪ Charge de Clayton, do jornal <i>O Povo Online</i>	66
▪ Charge de Miguel, do <i>Jornal do Comercio Online</i>	67
Panorama	68
▪ Textos multimodais: cruzamento de linguagens	68
Passos largos	69
CAPÍTULO 7 Intertextualidade 71		
Na bagagem	71
Nas trilhas do texto	71
▪ Tirinha do Níquel Náusea, de Fernando Gonsales	71
Panorama	73
▪ Intertextualidade	73
▪ Paráfrase e paródia	73
Passos largos	74
CAPÍTULO 8 Origem da língua portuguesa 77		
Na bagagem	77
Nas trilhas do texto	77
▪ "Do latim vulgar ao português não padrão", trecho de novela de Marcos Bagno	77
Panorama	79
▪ Língua portuguesa: origem, domínio, expansão	79
Passos largos	81

Fonte: Sette *et al.* (2016, p. 08).

Figura 16 - Do capítulo 9 ao 12

LITERATURA E LEITURA DE IMAGENS		82
CAPÍTULO 9 Texto literário e texto não literário		
literário		84
Na bagagem		84
Nas trilhas do texto		85
▪ "Uma geração descobre o prazer de ler", reportagem de Bruno Meier		85
Palavras na lupa		88
Na bagagem		88
Nas trilhas do texto		89
▪ "Correios lançam campanha para evitar ataque de cães a carteiros", notícia da <i>Folha Online</i>		89
▪ "Repelindo o carteiro", crônica de Moacyr Scliar		90
Na bagagem		91
Nas trilhas do texto		92
▪ "Literatura: leitores e leitura", artigo de Marisa Lajolo		92
Palavras na lupa		93
Panorama		94
▪ Texto literário e texto não literário		94
Passos largos		95
CAPÍTULO 10 Elementos da narrativa literária		
literária		96
Na bagagem		96
Nas trilhas do texto		97
▪ "O homem nu", conto de Fernando Sabino		97
Panorama		99
▪ Elementos das narrativas literárias		99
Palavras na lupa		102
Na bagagem		103
Nas trilhas do texto		103
▪ "Circuito fechado (I)", conto de Ricardo Ramos		103
Passos largos		105
CAPÍTULO 11 Literatura e o cenário urbano		
urbano		106
Na bagagem		106
Nas trilhas do texto		106
▪ "Ai de ti, Copacabana", crônica de Rubem Braga		106
Palavras na lupa		110
Panorama		110
▪ A crônica através dos tempos		110
Na bagagem		112
Nas trilhas do texto		112
▪ "Ô, Copacabana", trecho de crônica de João Antônio		112
Palavras na lupa		114
Panorama		115
▪ A solidão urbana: os "sobreviventes" e os "marginalizados"		115
Na bagagem		115
Nas trilhas do texto		115
▪ "Prefácio", trecho de romance de Ferréz		116
▪ "Capão pecado", trecho de romance de Ferréz		117
Palavras na lupa		119
Panorama		120
▪ A violência da desigualdade denunciada por artistas contemporâneos		120
Passos largos		120
Na bagagem		123
Nas trilhas do texto		123
▪ "Cena 9 – Canção do exílio", trecho de conto de Fernando Bonassi		123
Na bagagem		124
Nas trilhas do texto		125
▪ "eles eram muitos cavalos", trecho de romance de Luiz Ruffato		125
Palavras na lupa		127
Panorama		128
▪ A prosa de ficção contemporânea brasileira: mescla e diálogo entre gêneros e linguagens		128
CAPÍTULO 12 Literatura, realidade e fantasia		
fantasia		129
Na bagagem		129
Nas trilhas do texto		129
▪ "O edifício", trecho de conto de Murilo Rubião		129
Na bagagem		132
Nas trilhas do texto		132
▪ "A carteira de crocodilo", conto de Mia Couto		132
Palavras na lupa		135
Na bagagem		135
Nas trilhas do texto		135
▪ <i>A jangada de pedra</i> , trecho de romance de José Saramago		136
Palavras na lupa		139
Panorama		139
▪ O realismo fantástico ou realismo mágico		139
Passos largos		140

Fonte: Sette *et al.* (2016, p. 09).

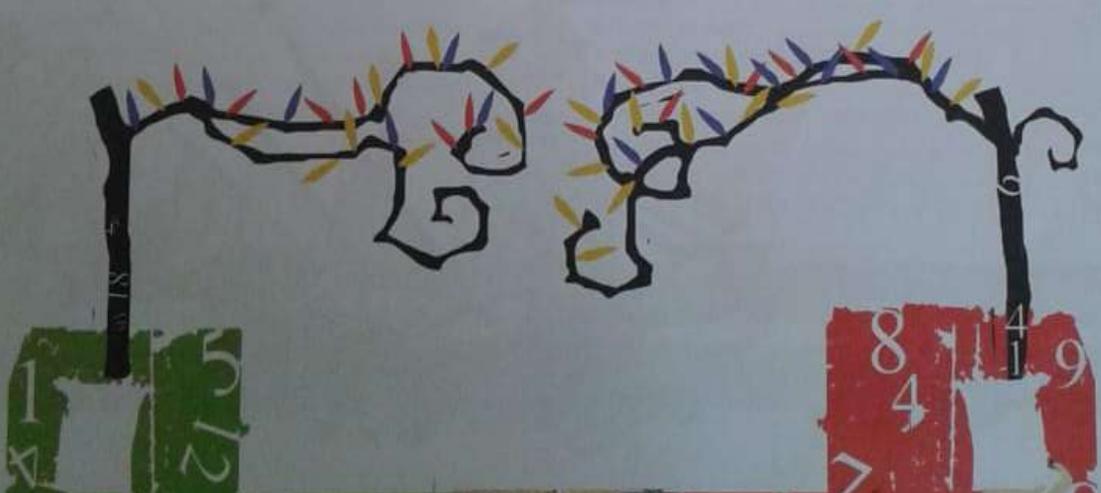
Figura 17 - Do capítulo 13 ao 16

CAPÍTULO 13 Literatura: gêneros e diálogos da era da pressa	144		
Na bagagem.....	144	Na bagagem.....	171
Nas trilhas do texto.....	144	Nas trilhas do texto.....	171
▪ "Apelo", conto de Dalton Trevisan.....	144	▪ "Poema obscuro", poema de Ferreira Gullar.....	172
Passos largos.....	145	Palavras na lupa.....	172
Na bagagem.....	146	Panorama.....	172
Nas trilhas do texto.....	146	▪ A vertente sociopolítica na poesia brasileira.....	174
▪ "A árvore que pensava", miniconto de Oswaldo França Júnior.....	146	Na bagagem.....	175
Palavras na lupa.....	147	Nas trilhas do texto.....	175
Na bagagem.....	147	▪ "Desejar ser", poema de Manoel de Barros.....	176
Nas trilhas do texto.....	147	Panorama.....	176
▪ Miniconto de Laura Guimarães.....	147	▪ Manoel de Barros, a voz do Pantanal Mato-Grossense.....	176
Panorama.....	149	Na bagagem.....	177
▪ Narrativas curtas: miniconto, microconto, nanoconto.....	149	Nas trilhas do texto.....	177
Passos largos.....	150	▪ Poema sem título de Paulo Leminski.....	177
CAPÍTULO 14 A Arte Pop e as linguagens artísticas contemporâneas	152	Na bagagem.....	178
Na bagagem.....	154	Nas trilhas do texto.....	178
Nas trilhas do texto.....	154	▪ "Procuro-me", poema visual de Lenora de Barros.....	179
▪ "No carro", tela de Roy Lichtenstein.....	154	Panorama.....	181
Panorama.....	156	▪ Características gerais da poesia da metade do século XX ao século XXI.....	181
▪ Pop Art.....	156	Passos largos.....	182
▪ A Pop Art no Brasil.....	157	CAPÍTULO 16 Vozes poéticas femininas, afrodescendentes e africanas contemporâneas	185
Passos largos.....	157	Na bagagem.....	185
CAPÍTULO 15 Poéticas brasileiras da segunda metade do século XX ao século XXI	159	Nas trilhas do texto.....	185
Na bagagem.....	159	▪ "Com licença poética", poema de Adélia Prado.....	185
Nas trilhas do texto.....	159	Na bagagem.....	187
▪ "Viva vaia", poema de Augusto de Campos.....	159	Nas trilhas do texto.....	187
Na bagagem.....	160	▪ "Drumundana", poema de Alice Ruiz.....	187
Nas trilhas do texto.....	161	Panorama.....	188
▪ "Desastre no poema", poema de Aníbal Machado.....	161	▪ Vozes e diálogos da poesia feminina brasileira.....	188
Na bagagem.....	162	Passos largos.....	189
Nas trilhas do texto.....	162	Na bagagem.....	190
▪ "Agiotagem", poema de Mário Chamie.....	162	Nas trilhas do texto.....	190
Panorama.....	163	▪ "Vozes-Mulheres", poema de Conceição Evaristo.....	190
▪ O Concretismo e outras tendências de vanguarda.....	163	Panorama.....	193
Passos largos.....	166	▪ Discurso poético afrodescendente.....	193
Na bagagem.....	166	Passos largos.....	194
Nas trilhas do texto.....	166	Na bagagem.....	195
▪ "Código Nacional de Trânsito", poema de Affonso Ávila.....	166	Nas trilhas do texto.....	195
Na bagagem.....	168	▪ "Grito negro", poema de José Craveirinha.....	195
Nas trilhas do texto.....	168	Na bagagem.....	197
▪ "Ares (21 de março a 20 de abril)", poema de Thiago de Mello.....	168	Nas trilhas do texto.....	197
Palavras na lupa.....	171	▪ "Chão", poema de Ondjaki.....	197
		Na bagagem.....	198
		Nas trilhas do texto.....	198
		▪ "O que é que eu quero para a vida?", poema de Gonçalo M. Tavares.....	198
		Palavras na lupa.....	199
		Panorama.....	199
		▪ Poéticas africanas de língua portuguesa.....	199
		Passos largos.....	200

Fonte: Sette *et al.* (2016, p. 10).

Figura 18 - Do capítulo 17 ao 23

GRAMÁTICA E ESTUDO DA LÍNGUA		202
CAPÍTULO 17 Variedades linguísticas 204		
Na bagagem	204	
Nas trilhas do texto	205	
▪ "Que língua é essa?", trecho de novela de Marcos Bagno	205	
Palavras na lupa	210	
Passos largos	210	
CAPÍTULO 18 Fonemas, letras e acentuação gráfica 212		
Na bagagem	212	
Nas trilhas do texto	212	
▪ "Pluvial/Fluvial", poema de Augusto de Campos	212	
Panorama	213	
▪ Fonema e letra	213	
▪ Sílabas	214	
▪ Encontros vocálicos: ditongo, hiato, tritongo	215	
▪ Encontro consonantal	215	
▪ Dígrafo	215	
▪ Acentuação gráfica	215	
Passos largos	216	
CAPÍTULO 19 Ortografia 218		
Na bagagem	218	
Nas trilhas do texto	218	
▪ "Ortografia é lei?", artigo de opinião de Aldo Bizzocchi	218	
Palavras na lupa	220	
Panorama	221	
▪ Ortografia	221	
Passos largos	223	
CAPÍTULO 20 Processos de formação de palavras 226		
Na bagagem	226	
Nas trilhas do texto	227	
▪ "Palavras emprestadas", crônica de Ivan Ângelo	227	
Panorama	229	
▪ Estrangeirismos	229	
▪ Processos de formação de palavras	229	
Passos largos	236	
CAPÍTULO 21 Substantivo 240		
Na bagagem	240	
Nas trilhas do texto	240	
▪ "Festa", trecho de romance de Graciliano Ramos	240	
Palavras na lupa	241	
Panorama	241	
▪ A necessidade de classificar	241	
▪ Classificação dos substantivos	242	
Passos largos	246	
CAPÍTULO 22 Adjetivo e locução adjetiva 249		
Na bagagem	249	
Nas trilhas do texto	249	
▪ Capa do livro <i>A nova mulher</i> , de Marina Colasanti	249	
Panorama	250	
▪ Adjetivos e locuções adjetivas	250	
▪ Adjetivos compostos: flexão de número	253	
Passos largos	253	
CAPÍTULO 23 Artigo 258		
Na bagagem	258	
Nas trilhas do texto	258	
▪ "Afinal, para que servem os artigos?", artigo de divulgação científica de Antônio Suárez Abreu	258	
Panorama	260	
▪ Artigo	260	
Passos largos	261	



Fonte: Sette et al. (2016. p. 11).

Figura 19 - Do capítulo 24 ao 26

CAPÍTULO 24 Numeral	262	Na bagagem	284
Na bagagem	262	Nas trilhas do texto	285
Nas trilhas do texto	263	▪ "Cientista português cria sistema para facilitar a comunicação de pessoas com deficiência motora"; notícia de Gilberto Costa	285
▪ "Recado ao senhor 903", crônica de Rubem Braga	263	Palavras na lupa	286
Panorama	264	Panorama	286
▪ Numerais	264	▪ Pronomes relativos	286
Passos largos	267	Passos largos	287
CAPÍTULO 25 Pronome	270	CAPÍTULO 26 Coesão e coerência	288
Na bagagem	270	Na bagagem	288
Nas trilhas do texto	270	Nas trilhas do texto	288
▪ Tirinha de Garfield, de Jim Davis	270	▪ "A palavra", ensaio de Eduardo Carvalho	288
Panorama	271	Palavras na lupa	290
▪ Pronome	271	Panorama	290
Passos largos	277	▪ Das palavras ao texto	290
Na bagagem	278	▪ A coerência textual	290
Nas trilhas do texto	278	▪ A coesão textual	293
▪ "Carta do achamento do Brasil", trecho da carta de Pero Vaz de Caminha	278	Passos largos	294
Palavras na lupa	278		
Panorama	279		
▪ Pronomes demonstrativos	279		
Passos largos	280		
Panorama	280		
▪ As palavras o, a, os, as como pronomes demonstrativos	280		
Na bagagem	282		
Nas trilhas do texto	282		
▪ Provérbios em domínio público	282		
Palavras na lupa	282		
Panorama	282		
▪ Pronomes indefinidos e locuções pronominais indefinidas	282		
▪ Pronomes interrogativos	283		
Passos largos	284		

Fonte: Sette *et al.* (2016, p. 12).

Figura 20 - Do capítulo 27 ao 33

PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS E ESCRITOS		296
CAPÍTULO 27	Crônica	298
Na bagagem		298
Nas trilhas do texto		298
▪ "Conversinha mineira"; crônica de Fernando Sabino		298
Palavras na lupa		300
Na bagagem		302
Nas trilhas do texto		302
▪ "Comunicação"; crônica de Luis Fernando Verissimo		302
Palavras na lupa		304
Produção de textos		305
▪ Crônica humorística		305
CAPÍTULO 28	Debate	307
Na bagagem		307
Nas trilhas do texto		307
▪ Trecho de transcrição de debate no programa Roda Viva		307
Palavras na lupa		310
Produção de textos		312
▪ Debate: A internet pode se transformar em um problema para a vida pessoal dos usuários?		312
CAPÍTULO 29	Manifesto	315
Na bagagem		315
Nas trilhas do texto		315
▪ Proposta de redação do vestibular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)		315
▪ Exemplo de redação de candidato		316
Passos largos		317
Produção de textos		320
▪ Manifesto de sua comunidade		320
CAPÍTULO 30	Reportagem	321
Na bagagem		321
Nas trilhas do texto		321
▪ "Há 10 anos, sarau tem poesia recitada, cantada e 'no ar' na periferia de SP"; reportagem de Marina Vergueiro		321
Produção de textos		325
▪ Reportagem		325
CAPÍTULO 31	Carta de leitor	327
Na bagagem		327
Nas trilhas do texto		327
▪ "Xilogravuras japonesas – A onda", charge de João Montanaro		327
▪ "A grande onda de Kanagawa", xilogravura de Katsushika Hokusai		328
▪ Cartas de leitores do jornal <i>Folha de S. Paulo</i>		329
Palavras na lupa		330
Na bagagem		331
Nas trilhas do texto		331
▪ Proposta de redação do vestibular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)		331
▪ Exemplo de redação de candidato		332
Palavras na lupa		334
Produção de textos		334
▪ Carta de leitor		334
CAPÍTULO 32	Resumo	336
Na bagagem		336
Nas trilhas do texto		336
▪ "Viva saúde adverte: beba com moderação", artigo de Adriano Catozzi		336
Na bagagem		339
Nas trilhas do texto		339
▪ "Pessimismo", artigo de Mauricio Horta		340
Palavras na lupa		341
Nas trilhas do texto		342
▪ "Pessimismo de cada dia", exemplo de redação de candidato		342
Produção de textos		343
▪ Resumo		343
CAPÍTULO 33	Redação para Enem e vestibular	345
Na bagagem		345
Nas trilhas do texto		345
▪ Proposta de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)		345
▪ Exemplo de redação de candidato		347
Palavras na lupa		349
Produção de textos		349
▪ Redação para Enem		349
LISTA DE SIGLAS DE VESTIBULARES		351

Fonte: Sette *et al.* (2016, p. 13).

ANEXO 3:

Que língua é essa?

Marcos Bagno

O mito e a realidade; o errado e o diferente; o eu e o outro

Figura 21 - *A língua de Eulália*, “*novela sociolinguística*” de Marcos Bagno



Fonte: Sette et al. (2016, p. 204, 206-207).

O mito da língua única

À noite, como ficou combinado, reúnem-se todas na sala grande da lareira, devidamente acesa. Diante do fogo há um largo tapete felpudo sobre o qual foram espalhadas algumas almofadas grandes e macias. No centro, uma mesinha baixa com um bule de chá, outro de chocolate, canecas de louça branca, um prato com biscoitinhos, outro com um apetitoso bolo inglês. [...]

– E então, essa aula começa ou não começa? – pergunta Sílvia, tornando a encher a xícara de chocolate.

– Aula? – surpreende-se Irene. – Eu tinha pensado só num bate-papo, nada de muito sério... Afinal, estamos todas de férias, não é? – e pisca um olho para a sobrinha.

– Mas bater papo com alguém que sabe a *Divina comédia* de cor vale por uma aula... – diz Emília. Sorriso geral.

– Já que você insiste, vamos começar – diz Irene. – E quero começar pedindo a vocês que me respondam: “Quantas línguas se fala no Brasil?”.

Silêncio. As três, tímidas, não ousam arriscar uma resposta. Emília cutuca Vera com o cotovelo e diz:

– Vera, você faz Letras: é obrigada a saber a resposta...

Vera, assim convocada em seus brios acadêmicos, pigarreia e diz:

– Bom, o que a gente aprende na escola, desde pequena, é que no Brasil só se fala português.

– Isso mesmo – confirma Sílvia. – No Brasil a gente fala português de Norte a Sul.

Irene escuta com atenção. Depois começa a falar:

– É bem a resposta que eu esperava. E não havia por que ser diferente. Meninas, na tradição de ensino da língua portuguesa no Brasil existe um mito que há muito tempo vem causando um sério estrago na nossa educação.

– Que mito é esse, tia?

– É o mito da *unidade linguística do Brasil*.

As três moças se entreolham, surpresas. Irene prossegue:

– O mito da unidade linguística do Brasil pode ser resumido na resposta que a Vera e a Sílvia me deram agora há pouco: “*No Brasil só se fala uma língua, o português*”. Um mito, entre outras definições possíveis, é uma *ideia falsa, sem correspondente na realidade*.

– Quer dizer que a resposta delas é falsa, mentirosa? – pergunta Emília.

– Exatamente – responde Irene.

– E por quê, tia?

– Primeiro, no Brasil *não se fala uma só língua*.

Existem mais de duzentas línguas ainda faladas em diversos pontos do país pelos sobreviventes das antigas nações indígenas. Além disso, muitas comunidades de imigrantes estrangeiros mantêm viva a língua de seus ancestrais: coreanos, japoneses, alemães, italianos etc.

– Mas os índios são muito poucos e vivem isolados – replica Sílvia.

– É, e as comunidades de imigrantes também são uma minoria dentro do conjunto total da população brasileira – completa Emília.

– A língua mais usada, mais falada, mais escrita é mesmo o português – conclui Vera.

– Pode ser – diz Irene. – Mas mesmo deixando de lado os índios e os imigrantes, nem por isso a gente pode dizer que no Brasil só se fala uma única língua. Talvez vocês se surpreendam com o que vou dizer agora, mas *não existe nenhuma língua que seja uma só*.

– Como assim, Irene? – pergunta Emília, espantada. – Que quer dizer isso? – Isso quer dizer que aquilo que a gente chama, por comodidade, de *português* não é um bloco compacto, sólido e firme, mas sim um conjunto de “coisas” aparentadas entre si, mas com algumas diferenças. Essas “coisas” são chamadas *variedades*.

Toda língua varia

– Puxa vida, estou entendendo cada vez menos – queixa-se Sílvia.

– Vamos bem devagar para as coisas ficarem claras – propõe Irene. – Você certamente já ouviu um português falar, não é?

– Já – responde Sílvia.

– Já percebeu as muitas diferenças que existem entre o modo de falar do português e o modo de falar nosso, brasileiro. De que tipo são essas diferenças? Vamos ver algumas delas:

- diferenças *fonéticas* (no modo de pronunciar os sons da língua): o brasileiro diz *eu sei*, o português diz *eu sâi*;

- diferenças *sintáticas* (no modo de organizar as frases, as orações e as partes que as compõem): nós no Brasil dizemos *estou falando com você*; em Portugal eles dizem *estou a falar consigo*;

- diferenças *lexicais* (palavras que existem lá e não existem cá, e vice-versa): o português chama de *saloio* aquele habitante da zona rural, que no Brasil a gente chama de *caipira, capiau, matuto*;

- diferenças *semânticas* (no significado das palavras): *cuecas* em Portugal são as *calcinhas* das brasileiras. Imagine uma mulher entrar numa loja de São Paulo e pedir *cuecas* para ela usar! Vai causar o maior espanto!

- diferenças no *uso* da língua. Por exemplo, você se chama Sílvia e um português muito amigo seu quer convidar você para jantar. Ele provavelmente vai perguntar: “A Sílvia

janta conosco?”. Se você não estiver acostumada com esse uso diferente, poderá pensar que ele está falando de uma outra Sílvia, e não de você. Porque, no Brasil, um amigo faria o mesmo convite mais ou menos assim: “Sílvia, você quer jantar com a gente?”. Nós não temos, como os portugueses, o hábito de falar diretamente com alguém como se esse alguém fosse uma terceira pessoa...

– Tudo bem até agora? – pergunta Irene.

– Tudo bem – responde Sílvia.

– Essas e outras diferenças – prossegue Irene – também existem, em grau menor, entre o português falado no Norte-Nordeste do Brasil e o falado no Centro-Sul, por exemplo. Dentro do Centro-Sul existem diferenças entre o falar, digamos, do carioca e o falar do paulistano. E assim por diante.

Irene faz uma pequena pausa. Toma um gole de chá e continua:

– Até agora, falamos das *variedades geográficas*: a variedade portuguesa, a variedade brasileira, a variedade brasileira do Norte, a variedade brasileira do Sul, a variedade carioca, a variedade paulistana... Mas a coisa não para por aí. A língua também fica diferente quando é falada por um homem ou por uma mulher, por uma criança ou por um adulto, por uma pessoa alfabetizada ou por uma não alfabetizada, por uma pessoa de classe alta ou por uma pessoa de classe média ou baixa, por um morador da cidade e por um morador do campo e assim por diante. Temos então, ao lado das variedades geográficas, outros tipos de variedades: *de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais* etc.

– E cada uma dessas variedades equivale a uma língua? – pergunta Emília.

– Mais ou menos – responde Irene. – Na verdade, se quiséssemos ser exatas e precisas na hora de dar nome a uma língua, teríamos de dizer, por exemplo, falando da Vera: “Esta é a língua portuguesa, falada no Brasil, em 2001, na região Sudeste, no estado e na cidade de São Paulo, por uma pessoa branca, de 21 anos, de classe média, professora primária, cursando universidade” etc. Ou seja, teríamos de levar em conta todos os elementos – chamados *variáveis* – que compõem uma *variedade*. É como se cada pessoa falasse uma língua só sua... [...]

Toda língua muda

– Deu pra entender o que é uma variedade, Sílvia? – pergunta Irene.

– Deu, sim, é até mais fácil do que eu pensava – responde a estudante de Psicologia.

Irene dá um sorriso maroto e fingindo um tom de ameaça anuncia:

– Mas a coisa pode ficar ainda mais complicada...

– Como, tia?

– Pegue, por exemplo, um texto de jornal escrito no começo do século XX. Você vai sentir diferenças no vocabulário e no modo de construção da frase. Recue mais um pouco no tempo e tente encontrar alguma coisa escrita no começo do século XIX, em 1808, por exemplo, quando a família real portuguesa se transferiu para o Brasil. Mais diferenças ainda. Dê um salto ainda maior e tente ler a famosa carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel dando a notícia do descobrimento do Brasil. Um texto de 1500, último ano do século XV! Tem muita coisa ali que a gente nem consegue entender! E se quiséssemos ler uma *cantiga d’amor*, como a que citei hoje à tarde, que era um gênero de poesia praticado em Portugal nos séculos XII- XIII? Quase impossível: só mesmo com a ajuda e a orientação de um filólogo, especialista em textos antigos! O que todos esses textos têm em comum?

– Foram escritos em português, não é? – arrisca Sílvia.

– Sim – responde Irene.

– Por que será então que eles vão se tornando cada vez menos compreensíveis para um brasileiro no início do século XXI? – quer saber Vera.

– Porque toda língua, além de variar geograficamente, no espaço, também *muda com o tempo*. A língua que falamos hoje no Brasil é diferente da que era falada aqui mesmo no início da colonização, e também é diferente da língua que será falada aqui mesmo dentro de trezentos ou quatrocentos anos!

– Parece lógico – comenta Sílvia. – Todas as coisas mudam, os costumes, as crenças, os meios de comunicação, as roupas... até os bichos evoluíram e continuam evoluindo... Por que a língua não haveria de mudar, não é?

– É por isso – prossegue Irene – que nós linguistas dizemos que *toda língua muda e varia*. Quer dizer, muda com o tempo e varia no espaço. Temos até uns nomes especiais para esses dois fenômenos. A mudança ao longo do tempo se chama *mudança diacrônica*. A variação geográfica se chama *variação diatópica*. E é por isso também que não existe a *língua portuguesa*.

– Ah, não? – admira-se Emília. – Então o que é que existe?

– Existe um pequeno número de variedades do português – faladas numa determinada região, por determinado conjunto de pessoas, numa determinada época – que, por diversas razões, foram eleitas para servirem de base para a constituição, para a elaboração de uma *norma-padrão*. A norma-padrão é aquele *modelo ideal* de língua que deve ser usado pelas autoridades, pelos órgãos oficiais, pelas pessoas cultas, pelos escritores e jornalistas, aquele que deve ser ensinado e aprendido na escola. Vejam bem que eu disse aquele que *deve ser*, não aquele que necessariamente *é* empregado pelas pessoas cultas. Essa norma, ao longo do tempo, se torna objeto de um grande investimento.

– Investimento, Irene? – pergunta Sílvia. – Como assim?

– No processo de constituição, de cristalização da norma-padrão como o que *deve ser* “a” língua, ela é analisada pelos gramáticos, que escrevem livros para descrever as regras de funcionamento dela, livros que servem ao mesmo tempo para *prescrever* essas regras, isto é, impor essas regras como as únicas aceitáveis para o uso “correto” da língua. Os dicionaristas também se debruçam sobre a norma-padrão e tentam definir os significados precisos para as palavras que compõem esse padrão. A Academia de Letras estabelece a ortografia oficial, a maneira única de escrever, que é imposta por decreto-lei governamental. Ela também cuida para que as palavras de origem estrangeira não “contaminem” excessivamente a língua, e propõe novos termos para substituí-las, termos com uma forma mais próxima daquilo que os tradicionalistas chamam de “a índole da língua”. Os autores de livros didáticos preparam seus manuais escolares pensando em estratégias pedagógicas eficazes para que as crianças aprendam a norma-padrão... Todo esse trabalho de *padronização*, de criação e cultivo de um modelo de língua, é que compõe o tal investimento de que eu falei... Por isso a norma-padrão dá a impressão de ser mais rica, mais complexa, mais versátil que todas as demais variedades da língua falada pelas pessoas do país. Na verdade, ela nada tem de *melhor* que essas variedades, ela só tem *mais* que as outras.

– E o que é que ela tem mais que as outras? – pergunta Sílvia.

– Por causa do tal investimento, a norma-padrão tem principalmente mais palavras eruditas, tem mais termos técnicos, tem um vocabulário maior e mais diversificado. Ela também tem mais construções sintáticas consideradas de bom gosto, tem expressões de origem erudita que servem de modelos para serem imitados, metáforas clássicas que dão um ar “nobre” à linguagem... Mas se esse mesmo investimento fosse aplicado a qualquer uma das muitas variedades faladas no país, ela também se enriqueceria e se mostraria capaz de ser veículo para todo tipo de mensagem, de discurso, de texto científico e literário...

[...]